



**nata**

**ORIAS**  
DE

**VIMARIS**





**A ADORAÇÃO DOS PASTORES**

(Cópia de DOMINGOS DANTAS)

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136. Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa. Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## ORGIA SOALHEIRA

### A Humanidade e a sua História

Por ABEL SALAZAR

É assim a Humanidade e a sua História.

Sob o duche de fogo, ou de gelo, do Mal e da desdita, no fragor infernal de guerras e massacres, lutas revoltas e mi-sérias, a ferro e fogo, em fogo e sangue, atolada em pântanos ou sepulta em areias, ou entre furiosos debates de águas — ela sobe a encosta, a infundável encosta dos séculos, de Ilusão em Ilusão, vindo após uma montanha outra ainda mais alta erguer-se, no espaço do seu ideal.

Não a detem o fogo nem o sangue, nem as espadas dos matos agressivos; não a detem as ameaças dos céus negros, trespassados de raios fulgurantes; não a detem as emanações pútridas dos pântanos traiçoeiros; não a detem as feras, nem os miasmas; não a detem nem o conhecido nem o desconhecido: — de olhos postos na altura, todos os seus músculos se contraem, tetanizados em dor, sangrentos no corpo esqualido...

A cada esforço, em direcção ao cume, ficam as encostas pejadas de cadáveres, apodrecendo na brutalidade crua da luz do sol. Há ritos odiosos e ferozes, fisionomias bestiais contraídas num espasmo de bilis e há ritos beatíficos, como que gelados na petrificação de um sonho; há corpos de guerreiros, de heróis, de santos e de virgens, de cézares, de tiranos e de párias; há mãos cadaverizadas em crispada garra, cravadas em ouro, em te-sourinhos ou em tímidos seios marmóreos; e há mãos em preces, mãos pálidas e lívidas de amor...

... Nada porém vê a multidão, cujos olhos estão cravados no alto cone, hierático e solitário lá nos ares nevoentos; tudo em grita sobre sempre, em fluxo e refluxo de grande mole humana, em turbilhão que ondula, como um campo de trigo sob o vento... A seus olhos alucinados

o alto píncaro, perdido entre núvens, torna-se um resplendor fulgurante, que ilumina todo o universo; para uns é Deus, para outros Ideal, para outros Justiça, Ouro, Poder, Glória, Amor...

... E para outros, Nada... E os que sobem em direcção ao Nada vão tam alucinados como os que sobem em direcção ao Tudo...

... Os séculos fluem, o tempo corre, sem fim: e a multidão sobe sempre, numa tenacidade que não cede, num desespero de inferno; a cada montanha sucede-se uma ainda mais alta montanha, cada vez mais aguda e solitária na Infinita solidão do espaço...

... E, quanto mais nos ares sobe e se perde a Ilusão, mais direita a ela a Humanidade, sangrando, se arrasta pela íngreme encosta...

... Já as agulhas dos altos matos se erguem como espadas; já nas vertentes a prumo se esfarrapam mãos; e a multidão em vertigem corre sobre abismos, como suspensa na grande amplidão do espaço. Penetra no nevoeiro das grandes alturas, e tudo é fantasma espectral de solitários granitos, em cones perdidos no cáos em silêncio...

(Das «Digressões em Portugal».)

## LENDA

MANHÃ de primavera formosa, tépida, perfumada, clara. Havia, já, flores nos campos, e as árvores ofereciam-se vestidas às carícias do Sol. Pombas ruflantes cruzavam o mar da luz.

Pela estrada branca, no seu cavalo fogoso e audaz, o Cid caminhava, na auréola das suas glórias rutilantes, no sonho embriagador das suas faça-

nhas sem exemplo. Revestia-o, da cabeça aos pés, a sua armadura de aço polido — espelho que faiscava, e deixava atrás de si largo rasto de luz. As suas mãos, ocultas nos guantes de prata, eram chamadas que cegavam. Na cabeça, o elmo era farol deslumbrador.

O cavalo ia a passo. E o Cid, sol vivo a caminhar no Oceano de luz, aspirava voluptuosamente, o perfume subtil dessa manhã que sorria...

O cavalo ia a passo. De repente, na volta da estrada, o Cid deparou em que da terra surgia uma figura disforme, sombra inerte e abandonada. Mas a paisagem atraía os seus olhos, e voltou a enamorar-se das flores dos campos, da verdura das árvores, dos afagos da luz.

O cavalo avançava. Então, a sombra rastejou para o meio da estrada. O Cid poisou os olhos na sombra humilde. Era um mendigo.

Quando já estava próximo deste, o cavalo do Cid estacou, teimoso em não querer andar. Foi preciso roçar-lhe a espora afiada pelo ventre, para se dominar a sua teima.

O mendigo era um pobre leproso. Farrapo humano, a escorrer podridão e pús, chaga repugnante, pelo aspecto e pelo cheiro intenso de que era origem, o leproso, de joelhos, suplicava, de longe, ao Cid, a graça de uma esmola.

O cavalo, vencido pelo fêdor violento da chaga humana, empinou-se, sacudindo a cabeça, agoniado. De joelhos, as mãos erguidas, o leproso suplicava. O Cid, afrontado, tirou, da escarcela, uma moeda de ouro, e atirou-a ao mendigo. Este, deslumbrado, arastou-se pelo pó da estrada, até chegar junto do cavalo inquieto.

E então, humilde, desventurado, mas agradecido, o mendigo ergueu a face a desfazer-se em sangue laivado, e foi colar os lábios verdes no estribo de prata onde poisava o pé do Cid.

Este, sensibilizado, possuído da graça da piedade, afastou com um olhar, o mendigo. E devagar, demorando os seus olhos na pústula humana, descaçou o guante da mão direita.

Parecia que o sol era mais lindo, o céu mais claro, a luz mais pura, e o vôo das pombas mais doce.

A mão do Cid era leitosa como a flor da magnólia. O mendigo, de joelhos, esperava.

O Cid, numa voz que tinha doçuras de mel flavo, num gesto que tinha branduras de criança, disse ao mendigo: «beija!».

E curvando-se sobre o cavalo, deu a mão nua ao leproso que poisou nela a bôca pôdre...

A sombra arrastou-se de novo para a valeta da estrada. O cavalo do Cid continuou, a passo, o seu caminho. E na luz gloriosa da manhã, entre os perfumes das flores, o vôo das pombas, e o encanto das coisas, o Cid voltou aos seus sonhos de glória e à recordação das suas façanhas...

A lenda anda contada e cantada. Incapaz de a cantar de novo, aprouve-me pô-la em simples e desataviada prosa.

Natal, 1936.

Alfredo Pimenta.

## «Noticias de Guimarães»,



deseja a todos os ilustres colaboradores, prezados assinantes, dedicados anunciantes, leitores, e a toda a família vimaranense

Festas Felizes Próspero Ano.

### Uma página esquecida

#### A margem do «Culto do chá»

Na minha mesa de trabalho pouco, hoje, leve e atraente, a última e preciosa edição ilustrada do «Culto do Chá», de Wenceslau de Moraes. Veio acompanhada de um ramo de pequeninas rosas miniatu-rais que poderiam dizer-se criadas em um oculto e raro jardim oriental em que uma divindade, cansada de criar cousas grandes e belas, se desse ao prazer das pequenas obras primas da paciência, da arte e do gosto que, antes, eram apanagem de certos incriveis pintores e de certos entalhadores preciosos, meio monges e meio sátiros, das terras de Fernão Mendes.

Essas rosas foram o mínimo e florido recado de um espírito gêmeo do do grande artista exilado que se deixou seduzir e afinal absorver pela alma encantadora e misteriosa de Dai-Nippon. Não se encontraria apresentação mais terna, mais graciosa e mais ligeira e alada para o «Culto do Chá» do que a iluminura dessas pequenas borboletas vegetais, feitas de uma substância ideal, de entre marfim velho e seda morta, vindas da terra fecunda e livre e prêsas, agora, na jarra modesta, quando deveriam ajeitar liberdades, pousando nos livros doces dos poetas a servir-lhes de ilustração, roçando-se pelas outras grandes rosas, femininas e vivas como se, por uma alquimia surpreendente, perfume delas se houvesse volvido êle próprio em rosa; e por fim perdendo-se, fundindo-se, outra vez, na doçura paradisíaca desta manhã de maio em que escrevo, sem, pobre de mim, perceber a sua linguagem estranha e deliciosa que se insinua e me inunda e banha de azul celeste, vibrante da alegria inquieta e sonora dos sinos distantes, depois de haver tentado enganar-me pela voz de um rouxinol, que se não sabe se estava perlada ainda do sonho da noite primaveril, se fôra orvalhada pelo ródio boémio e amoroso da madrugada, e que todo o tempo esteve a recriminar, magoado, uma rosa alta, há pouco aberta, elegantíssima e provocadora, sabe-se lá que noite de amor, orgulhosa, lembrando, ou à espera de que fatigado e louco despertar!

Os senhores lembram-se, com certeza, do «Culto do Chá» de Wenceslau de Moraes.

O poeta viajero viu o Oriente, primeiro com curiosidade, depois com amizade, por fim com amor. Viu-o, sentiu-o e viveu-o. Para a sua alma o Oriente, foi uma paixão quase carnal. Entregou-se aos seus misteriosos encantos, penetrou-lhe os segredos maravilhosos, cultivou-lhe as lendas e as quimeras, sublimou-se nos seus cultos e acabou por se deixar assimilar por toda essa civilização antiga, em que veio por fim a morrer, na religião da Beleza que, para o artista, é a única que diviniza a vida e a torna imortal.

Os outros, os orientistas, só se aperceberam da forma exterior, da vida efêmera do Oriente. Descreveram, procuraram reproduzir, pintaram o que uma pupila profana podia colher de uma vida que é toda um culto íntimo e infundável dos mortos, dos vivos, das coisas inanimadas.

Wenceslau de Moraes não. O que êle escreveu do Oriente foi o próprio Oriente dos orientes, que êle amou, que êle viveu, por que êle trocou a sua civilização de homem branco.

Só assim se compreende a ternura das suas páginas em louvor das lendas originárias em que a cultura do chá tem suas finas e profundas raízes. Releiam-se as frases acutilantes e indignadas do escritor contra o uso generalizado e democrático da «destável infusão» e que é já somente, na Europa e na América e no resto do mundo, onde se topeem dois europeus

ou dois americanos, «um pretexto para repastos pelintras, para reuniões banais, para palestras vãs».

Veja-se a piedade verdadeiramente religiosa com que a figura de Darumá, o apóstolo budhista que visitou o Japão e a China e nesta se ajoelhou para sempre, até que as pernas se lhe gastaram e ficou reduzido ao tronco, é tratada pelo poeta.

Foram as pálpebras de Darumá, cortadas por êle próprio em auto-punição, por se haver deixado adornar pelo seu mistér devoto, e arrojadas depois ao chão, que, ao tocarem a terra, ganharam raízes, vicejaram e floriram em um arbusto cujas folhas passaram a dar um surpreendente e santo remédio contra a vigília e contra o sono. Aos que possam duvidar Wenceslau de Moraes, antecipada e piedosamente os absolve, mas preven-ços de que é para crentes que escreve.

Foi de resto quasi religioso no Japão o uso primeiro da bebida sagrada da China pois os bonzos nipponicos fizeram dela a beberagem favorita das suas práticas nocturnas.

Wenceslau de Moraes, depois de fazer a história do chá no Japão, refere os costumes tradicionais da sua cultura, pinta a paisagem dos campos do chá, relata a faina alegre e doce das colheitas, conta como se faz a graciosa industria familiar da preparação das folhas e o seu comércio delicado, para religiosamente desenvolver, depois, o amavioso ritual do uso doméstico do chá.

A ternura embevecida com que êle descreve o fino simbolismo do chá na vida de grandes e pequenos e com que alude aos progressos da cerâmica nipponica que a bebida sagrada serviu para aperfeiçoar e requintar. Foi o chá que fez atribuir a certas peças de porcelana de fabricantes de prestigio, preços fabulosos. O chá e o amor, — diga-se de passagem, — porque se pagavam por fortunas, as faianças com que presentear as graças amorosas das companheiras de festim de alguma noite.

O chá continuou a ser, e será ainda, durante muito tempo, nesse oriente distante, um culto secular de graça, de beleza, de virtude e de amor. Espiritualiza a vida e quasi adoça e torna amável a própria morte que pouco mais deve ser, no Oriente do que uma imagem de Lethes — para o caso o rio de Ugi, onde todos os males de coração se lavam, — no saúdoso cantar do escritor português exilado, que se fez «japão», adoptivo e fervente.

Nuno Simões.

## NATAL

O Natal é sempre para mim um sorriso. Quer obedecendo ao meu temperamento, quer deixando-me guiar apenas pela razão, eu olho-o cada ano como um mensageiro que nos traz a doce consolação de que durante um dia pelo menos vai haver muita alegria em todos os lares e muito que comer em todas as mesas.

De facto, nunca nos dias de Natal o homem é tam humano, no melhor significado da palavra, tam perfeito, tam generoso e tam cristão. Pode dizer-se que nestes dias, toca do pelo dedo de Jesus, êle sobe um pouco acima de si mesmo, e olhando de mais alto a sua imperfeição e os seus defeitos, acha uma semelhança maior entre si e os outros, que até agora. Não tem moti-

vos para ser orgulhoso, para se julgar moralmente mais bem dotado que os outros ou para reivindicar para si regalias que pertencem a todos.

A razão serena diz-lhe, e juntamente com ela o coração, que somos todos membros da mesma família, a família de Jesus, e que o Pai comum no dia do seu aniversário, mais do que nunca, nos quer ver de mãos dadas, alegres e risinhos. Fiel àquela ordem de Cristo que preceitua que nunca se aproxime de Êle sem primeiro se reconciliar com o seu irmão, se com êste não vive em boa paz, agora, admirável e bondoso, êle procura recalcar ressentimentos, apagar ódios e más vontades, e em contraposição recorda amizades antigas, evoca tempos passados e fala com ternura de quem um dia o ofendeu.

E para que a sua renúncia seja mais completa, êle parte para lugares distantes, muitas vezes debaixo de intempéries, por caminhos ermos e lugares inhóspitos, e vai abraçar comovido muitas pessoas, algumas das quais há muito havia esquecido.

Para todos é então amável, a todos escuta com devoção e, se a fortuna um dia o bafejou, felizes dos pobres que se abeirarem dele: em todos vê a imagem de Jesus.

Não demora muitos dias junto da família ou das pessoas que visitou, algumas vezes, apenas algumas horas, mas demora sempre o tempo suficiente para aquecer um coração regelado, para inundar uma alma de alegria e para bem dizer o Natal de Jesus.

E ao despedir-me daqueles junto de quem a sua vida foi durante algum tempo, mais sublime e mais perfeita, sente melhor do que durante todo o ano que o dia de Natal, como a sua tradição, é o mais belo do seu calendário, e aquele em que todos têm um irmão ou um amigo sobre a terra.

José Fernandes Machado.

(Licenciado em Oeremánicas)

### A' Larcira

## A prova negativa

NUNCA o dia lhe pareceu tam longo.

As horas corriam intermináveis, com uma morosidade confrangedora, capazes de se deixarem contar minuto a minuto.

A ansiedade angustiada que apertava o seu coração, humanamente encarecido de amor ardente, opunha-se o contraste flagrante de uma alegria sem limites, gravativa e extenuante, só igualável aquela outra que experimentara no primeiro dia em que a Felicidade lhe bateu à porta e o convidou a lançar-se nos braços da Ilusão, san-saburninha e velhaca.

Entreabria o seu espírito aos pensamentos mais ditosos, bailariqueiros como trilos de floc-mela que sentisse a desventura de um novo Bernardim, penetrava-se de fagueira esperança, nadinha frangalhoteira e desordenada, e vascolejava o gozo que se livava em descompostura de festim, inebriante e embriagador.

Chegada a hora do correio, mais e mais o desassossêgo o assaltou, chalreante e fandangueiro, atolambado de todo

## Salmo

Se me encaro sereno, frente a frente, lial, de olhos nos olhos, vejo:

- o rasto inquieto e claro da minha vida crua;
- um desejo profundo de ser puro e ser forte;
- um amor fraternal pelos bons e os humildes;
- um íntimo desprezo dos falsos ourpeis;
- e um quixotesco anseio do Bem e da Verdade!
- Velo, com véu piedoso, os meus êrros sem fim.

Poenitet me...

Porém, se nas virtudes límpidas e belas o meu olhar demora,—triste de mim!—só vejo narcisismo e vaidade.

Dezembro-1936. Américo Durão.

pela inexplicável demora do distribuidor do correio, apostado como lhe parecia em desjuizá-lo e a servir de desmancha-prazeres naquela sua ambição.

Olhava o relógio, soslaivava a porta e inquietava-se ao menor ruído.

Por fim, ouviu o truc-truc de estropido, quando já ia a desespearar.

Correu sem lançar, veloz como um gamo, e radiante ficou ao verificar que lhe vinha endereçada além de uma carta, um registo de encomenda postal que devia ser a almejada consoada prometida pelo seu enlévo.

Gratificou o carteiro, despediu-o com o desejo de «boas-festas» e subiu entusiasmadamente para o seu gabinete de trabalho.

O nervosismo e o entusiasmo dos primeiros momentos levaram-no a interessar-se pela encomenda, deixando para segundo lugar a leitura da missiva.

Deslacrrou-a com fervorosa devoção, desanuviou-a dos cartões e papéis em que a tinham embrulhado, afagou com en-



ternecimento o cliché que lhe era remetido — consoante determinara em prévia combinação —, e imediatamente se dirigiu ao seu laboratório para fazer uma prova.

Não quis saber de banhos nem de fixadores.

Como fazia um lindo dia de sol, sem ter olhado à luz o cliché, e despreocupado inteiramente de qualquer surpresa, arranjou papel conveniente, sobrepô-lo na chapa, fechou os linguetes da prensa e escolheu nesga de sol forte numa das janelas do seu escritório.

No decorrer dos instantes aproveitados para tal reacção, que de silogizações acometeram o seu espirito! Antes de tudo, o regalo de um beijo deposto na imagem do seu bem-querer — tam distante dos seus olhos —, e logo após, a suprema ventura de poder contemplá-la demorada e detidamente, estudando-lhe as formas, esbelteza e donaire que há seis anos não lhe era dado cotejar. Depois, o balanço à vida, feito com metódico calculo, o ano preciso para o regresso, o noivado, o casamento, e o tálamo conjugal...

Satisfeitos os seus conhecimentos técnicos, aliviou a prensa e, sentado à sua secretária, puxou da prova. Quasi sem reparar na fotografia, mergulhou a boca num beijo... ainda outro e outro... Contemplando-a em seguida, esgazeou o olhar para poder ver melhor, abriu a boca numa contracção dolorosa, ergueu-se de sopetão, tombou a prensa e a chapa que ficou em mil bocadinhos, soltou um gemido lancinante e caiu prostrado no soalho com um baque estrondoso, vencido à lesão cardíaca que tam rapidamente o fulminara, deixando-o inerte e sem vida.

Quando o criado do *restaurant* próximo o veio chamar para a ceia, intrigado já pela demora de quem costumava ser tam pontual, foi encontrá-lo na mesma postura em que caíra e sustentando entre dedos a prova que acabara de fazer. Chamou a autoridade que por aquelas paragens fa-

zia a costumada ronda e ambos constataram que fôra essa fotografia a causa da sua morte inesperada. Reproduzia ela, em côr de sangue, uma gentil menina deitada em seu leito, coberta de flores, e vestida de maneira a não deixar dúvidas sobre a sua partida para a grande viagem da vida e da qual ninguém volta.

1936 F. C.

**No dobrar dos sinos**

Por Manuel Ayres.

Meu coração pequenino  
Meu coração magoado  
Tão cheio de cuidado  
E tão menino!...

Meu coração pequenino  
Tão sem noivado  
E triste e pobrinho,  
Não batas tão apressado  
Não andes com tal cuidado  
Não cansas no caminho!...

Mas se queres bater assim,  
Se é teu fado assim bater,  
Meu coração pequenino  
Tão cheio de cuidado,  
Meu coração magoado  
E tão menino,  
Deixa-te ir assim levado,  
Nesse ritmo apressado,  
Bate assim até morrer  
Até cair de cansado  
Meu coração pequenino!

Bate assim até morrer,  
Deixa-te ir assim levado!...

O sino dobra lá fora  
(Quem morreria?...)  
Dim... Dão...  
Dom... Dlim...

Coração!  
Quem me dera coração!  
Meu coração  
Tão tristonho  
E pobrinho  
De alegria  
Que chorasses também assim!...

— O sino dobra lá fora  
Dão... Dlim...  
Dim... Dlom...

Coração!  
Quem me dera, coração!  
Meu coração encantado  
Tão menino  
E tão cheio de cuidado  
Que fôsses  
Essa lágrima de som!...

Meu coração pequenino,  
Meu coração magoado!

Na tristeza que me rodeia  
Na solidão  
Da minha vida  
E's apenas, coração!  
Pálida sombra de uma ideia...

E's reflexo vago  
De uma viva claridade  
Que entrevejo, quando,  
Pela imensidade,  
Triste, divago  
Meu olhar de saúde!...

E's sombra pálida  
De outra luz que lá distante  
Resplandece  
De outra luz, lá viva e palpitante  
Que não é sombra que passa  
Nem lágrima de som  
Que no vento vai e esquece!...

— E's mágoa pequenina  
Que de tão tristita,  
Coitadita!  
Nos entenece!

— Um sorriso entre lágrimas  
Um pranto leve,  
Que uma ternura afaga  
De tão breve!

Uma chaga  
Dolorida, mas chaga que é um lírio!  
Uma sombra que ilumina,  
Uma dor que não é dor,  
Uma lágrima  
Que, de pequenina,  
Não é mártírio!

Lá fora dobra o sino!...  
Dim... Dão...  
Dom... Dlim...

Meu coração pequenino,  
Coração!  
Para esse teu bater,  
Para esse teu morrer,  
Antes não batas assim...

Guimarães - 1936.

**JOSÉ PINTO RODRIGUES**  
ADVOCADO  
(no escritório do Ex.<sup>mo</sup> Sr.  
Dr. António do Amaral)  
Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

**Bemaventurados os que crêem**

A velha civilização ia-se esfacelando corrodida pelos dissolventes princípios das mais hipócritas teorias que dominavam essa brumosa época de devassidões a que a Humanidade havia chegado. Os excessos de um sensualismo infrene, instigados pela mais requintada libertinagem, empurravam-na para uma medonha derrocada, prestes a subvertê-la.

A ciência, não obstante as grandes fulgurações das suas arrojadas conquistas, era eivada dos mais torpes vícios, representados na pluralidade de divindades que desculpavam toda a devassidão.

O homem, pobre e miserável, era tratado como um ente irracional sob o azorrague tirânico do seu despótico senhor e dono.

Enquanto Crasso, Lúculo, Séneca e outros poderosos consumiam fabulosas quantias em banquetes lautos, nos quais reinavam a luxúria e a gula mais desbragadas, todos os desfavorecidos da fortuna, tratados como a mais desprezível escória, morriam de fome, junto dos rendilhados pórticos dos sumptuosos palácios d'esses soberbos argentários.

A mulher vivia sempre acorrentada aos caprichos do homem, que, arrogando a si todos os direitos da força, a tornava sua escrava para nela cevar seus lúbricos desejos, expondo-lhe depois a prole aos cantos das mais escusas vielas!

Portanto a maternidade não lhes merecia o afecto e dedicação de que é digna.

Mas não só isto. As crianças eram sacrificadas aos deuses e abandonadas nas margens dos lagos imundos, eram entregues à voracidade dos animais. A sede desordenada da riqueza, o desordenado amor do luxo, do fausto e da grandeza, toda essa desbragada crápula, claramente manifestada no mais grosseiro deboche das matronas romanas, que não só publicamente a ele se entregavam como até arrastavam as próprias filhas para a mais desbragada e aviltadora redução e aviltamento. Tudo isto e o muito mais que poderíamos dizer constituía o viver geral dos antigos povos.

O relaxe não tinha limites. A beleza de Venus servia de norma à nudez mais completa. Nos banhos públicos não havia separação de sexos, por isso o impudor exhibia-se sem o menor vislumbre de recato.

Os grandes sábios dessa calamitosa época eram outras tantas correntes de crueldades e devassidões.

Licurgo em Sparta, Solon em Atenas, Platão, chamado o *divino*, Epicuro e Aristóteles, cognominado o *príncipe dos filósofos*, e outras mentaisidades fôram os verdadeiros propulsores de toda a sorte de barbaridades e abjecções que assinalam esses tempos.

Roma, a poderosa capital do mundo, tornava-se um foco de pestilências morais, regadas com o sangue das muitas vítimas do cruel despotismo dos Césares.

A verdadeira malvezia animal intimamente ligada à corrupção produziu logicamente o medonho descalabro a que chegara a sociedade de então. Enquanto as suas águias avassalavam com os seus arrojados vôos o mundo inteiro, desafiando ódios, praticando roubos e praticando mortes, no cimo do Capitólio flutuava o estandarte da ignominia e da iniquidade mais perversa.

O mundo era um vasto tremedal de escorrências viciosas, era uma grande necrópole em que os horizontes da vida se apresentavam negros como as sombras da noite e por toda a parte se geravam podridões nas quais se criavam aspídes que destilavam venenos, servidos em cristalinas taças.

Portanto este estado anômalo do mundo exigia um eficaz remédio que viesse pôr cobro às suas graves conseqüências.

Era preciso que aparecesse um legislador que estancasse essa caudalosa torrente de desmoralização que avassalava a Humanidade e que a soerguesse, do estado de abatimento em que jazia imersa, para o alto fastígio de um engrandecimento moral. Um dia porém a ampulheta dos tempos marcou a hora desejada.

A tribu de Judá já não possuía o cetro da realeza e as 70 semanas de David já tinham atingido o seu termo.

Em Belém desponta o Sol da justiça, como uma resplendente estrela, cujas cintilações, rompendo as densas trevas do paganismo, acendem nos corações angustiados a chama da verdadeira Fé.

Nasce Jesus, pobríssimo, sem os faustos da opulência em um humilde estábulo, sem, pelo menos, ter um bérço de junco como Moisés para nele o reclinarem.

Ele que podia fazer-se acompanhar de legiões, revestido da máxima grandeza, tornando-se respeitado com todos os recursos da Omnipotência de que dispunha, vem ao mundo só, sem os confortos mais comensinhos, passando a algidez de uma noite do invernos dezembro somente acalentado pelo hálito dos animais em um desamparado apendice que lhes servia de guarida!

Realmente é imensamente enteneecedor este quadro! Pintores e artistas o têm documentado com toda a proficiência dos seus pinceis e com a maior beleza das suas tintas!

O nascimento do *Menino Deus* tem sido o tema supremo das maiores concepções artísticas e pictóricas e a fonte da mais alta inspiração sobre a majestade de um Deus.

Todos lhe dedicam a mais profunda manifestação de Fé e toda a ternura do seu coração ardente de religiosidade e emoção!

Decorrem 33 anos, e um dia aparece no cimo de uma montanha um jovem todo misericordioso nas palavras, todo perdão nos conselhos e toda humildade no seu porte.

Prega uma doutrina nunca ouvida nem falada e autentica-a com prodigiosos actos que seduzem e arrastam multidões de ouvintes que, vendo os maiores obstáculos, correm, pressurosas e ávidas, de toda a parte, para O ouvirem. E as suas palavras, meigas e suaves, são mais persuasivas que o poder da força e aliciam adeptos, numa fertilíssima colheita de fervorosos crentes. Derramando os bálsamos dos bons conselhos suavisas amarguras, confunde os sábios com os seus ensinamentos, determina o perdão para o esquecimento das injúrias, entenece o corações com os seus exemplos de conduta, exalta os humildes, consola os aflitos, acarinha as criancinhas, condena os hipócritas e manifesta amor desinteressado para com todos quantos sofrem.

E a Fé, até ali tão conspurcada, tão obliterada e dispersada, vai-se espalhando à flux em torrentes caudalosos de inefáveis consolações.

O sentimento religioso penetra mais fundo nas almas. Os muitos exemplos da caridade e outros sentimentos piedosos manifestam-se por toda a parte em variadíssimas demonstrações de benemerências. A civilização tomou novos rumos; os costumes readquiriram, em grande parte, a sua primitiva rigidez e pureza, as escolas filosóficas melhoraram os seus sistemas e teorias, e a Humanidade, enfim, que vivera desunida e desvairada, arripou caminho e evitou a medonha voragem prestes a submergi-la.

Eis muito ligeiramente o que nos trouxe o dia do Natal, festejado desde o século III pelo mundo inteiro, entre manifestações de alegria e regosio geral. Os seus benefícios são bem conhecidos de todos, superfluo é portanto recordá-los. A época em que vivemos, é de luta entre dois princípios ou elementos, os mais antagónicos. De um lado está o crime com todos os seus horrores de ódios, do outro a justiça, com todo o seu cortejo de dedicação e sublimes ditames. Por isso não é momento azado para discursos empolados ou artigos literários.

Cada um dos beligerantes tem de fazer exhibição das armas de que se serve e qual o arsenal que lhes fornece. Ora se a religião presta apoio aos Estados, devemos connecê-la primeiro para praticarmos depois. Assim fazemos.

Não faz portanto, sentido que se festeje e comemore um facto e não se saiba o que ele significa e traduz.

Tirar a esta comemoração toda a sua espiritualidade é deturpar-lhe o sentido, e menosprezar-lhe o significado; é paganizá-la em toda a sua transcendência. Por conseguinte devemos solenizá-la com actos de beneficência e manifestações de compaixão para com o próximo e não com pantagruélicas reuniões em que a moralidade periga e as crenças se materializam. Embora nos seja demasiadas importuna estas nossas considerações, aceitei contudo os cumprimentos de *Boas Festas* porque *Matus hodie Salvator mundi*.

Natal de 1936.  
P.<sup>o</sup> Alberto Gonçalves.

**Regresso ao lar**

DE constituição hercúlea, braço forte, inteligência fulgente, ambição desmedida, não lhe satisfazia as aspirações loucas o constante mourejar para trazer ao lar o pão de cada dia.

Querendo com idolatria à espôsa e aos tenros filhinhos, para eles sonhava um paraíso de desafogo, de grandeza. A' custa de excessivas eco-

nem o abandonou a coragem para lutar.

E assim conseguiu as paragens onde finalmente lhe era dado encontrar trabalho para angariar os meios de subsistência.

A tarefa era árdua, mas a sua indomável energia triunfava sempre.

Com o pensamento na Pátria distante e na alma a imagem da espôsa querida e dos filhos dilectos cujas saúdes o mortificavam, lutava sempre, mal dando ao seu forte organismo escasso tempo para refazer-se das extenuantes empreitadas.

E assim, à custa de sacrificio de toda a ordem, chegando até a esquecer que a sua saúde se comprometia e o seu braço robusto diminuía o potencial, foi acumulando bom pecúlio, com o qual lhe parecia que poderia dar aos Seus um pouco do conforto que idealizara.

Havia já tempo longo que não recebia notícias dos entes queridos. Dominava-o a nostalgia do lar e a torturante recordação da família acabara por lhe extinguir a vontade de permanecer trabalhando.

Com o Dezembro frio e chuvoso, avizinhava-se o Natal.

Na sua mente perpassam como em grande e animado quadro cinematográfico as horas de inesquecível felicidade, de comunicativa alegria do lar português no dia da encantadora festa da família.

Não podia mais.

Resolvera regressar.

Atrouçados à pressa os seus haveres, ei-lo a caminho, antegosando já a agradável surpresa que ia levar àqueles entes que eram toda a sua alma, partilhando com eles da ceia do Natal.

Na sua bagagem abundavam os mimos com que faria o encanto dos pequeninos e tornaria principesca a sua refeição festiva.

Avizinhava-se a noite quando aborou a sua aldeia.

No acaso, em ampla fita de oiro sumiam-se os últimos raios solares, que nas cumeadas pareciam acender ainda centelhas de fogo.

No lindo céu azul já se divisavam as primeiras estrelas: nos beirais as avesinhas entoavam canções de despedida ao astro-rei.

Dos edificios modestos ou grandiosos evolava-se em turbilhão cinzento o fumo das lareiras, em tórno das quais a família reunida, estuante de alegria e entusiasmo assistia à confecção da tradicional ceia.

O anseio de chegar depressa não lhe deu tempo para cumprimentar os amigos, e correndo ofegante, parou enfim no limiar da sua casa.

La precipitar-se para o interior e eis que o seu coração pulsa desordenado, vendo fechada a porta e sentindo lá dentro um silêncio inquietador.

Surpreendido, hesitante, penetra, cambaleando no desejo do lar onde esperava encontrar alegria e felicidade. Lá dentro é já escuro; a custo se distinguem os vultos. Caminha

às escuras, gritando pela mulher, chamando os filhos. Respondem-lhe soluços e gritos de dôr. Como doído precipita-se para o local de onde partem e depára-se-lhe o dolorosíssimo quadro dos filhinhos aninhados em tórno do leito, onde gelada jazia a sua mulhersinha.

Arranca do seio um indescritível suspiro de terrível sofrimento, e cai de joelhos junto ao negro catre; abraça os inocentinhos que tão precocemente eram fustigados pela desdita, chorando, subjugado pelo mais cruel sofrimento aquele valente destemido e indomável.

E foi assim o seu Natal.  
Dezembro de 1936.

**Canções tristes do Natal**

Nasceu o meigo Jesus  
P'ra redimir multidoes.  
E, feliz, na sua Cruz,  
Redimiu os dois ladrões...

Se toda a gente soubesse  
Compreender o que é Natal:  
Talvez que nunca viesse  
Ao mundo a raiva do mal...

Vêde essas bôcas sem pão  
E corpos magros de aninhos!  
Os que não têm coração  
Não sabem vêr pobresinhos...

Olhai que lindas crianças  
De peitos nus e gelados!...  
O' neve tu não te cansas  
De gelar os desgraçados!

Ai! triste de quem não tem  
Um trapo p'ra se embrulhar...  
Uns olhos lindos de Mãe,  
Mêsia posta p'ra ceiar...

Triste daquêl que vai  
Atrás da vida sem nome...  
O que se afunda, o que cai  
No poço negro da fome...

Ouçõ bater ao portão,  
Vai vêr quem é, lindo amor.  
Se é pobre dá-lhe o meu pão,  
Pobre foi Nosso-Senhor!

Tenho de Deus o tesouro  
P'ra valer à orfanidade:  
O meu coração é oiro  
Num cadinho de Bondade.

Fazei bem aos pobresinhos  
Que, de bordão e sacola,  
Andam por êsses caminhos  
A mendigar uma esmola.

Hostia sagrada é a luz  
Da alma do Redentor!  
Braços abertos, a Cruz  
Da Perfeição, do Amor!

A's vezes há nas toalhas  
Do que sobra, em festas loucas,  
Migalhas, tantas migalhas,  
Que faltam em tantas bôcas!...

Vêde a pobresa: ela é tanta!  
Mas a que sangra, em abraços,  
E' aquela que a pedir canta  
Com as lágrimas nos olhos!

Dezembro de 1936.

*Delfim de Guimarães.*

**Dr. Alexandre Brito Sampaio**  
Médico

Doenças da boca e dentes, prótese  
nariz, garganta e ouvidos

Consultas em Guimarães:  
PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 89 - 1.<sup>o</sup>  
As 2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup>, das 14 às 18 horas.  
Sábados, das 9 às 16 horas.

*Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.*

**“MORTE E VIDA”**

Perdida caminhava temerosa  
Por noite escura, em bosque emmaranhado  
O coração batia-me apressado  
Como pomba assustada e melindrosa.

Medonha escuridão misteriosa!  
Um vento forte, aspérrimo e gelado  
Trespasava-me o peitô lado a lado,  
Levando-me consigo lacrimosa.

Vi abrir-se a meus pés um sorvedeiro...  
— Ah! momento de horror imorredoiro! —  
Nele caí, rolei, jogada péla...

No espqço tombei! Depois, errante,  
Espalhei luz, fui pura e fulgurante;  
Divina sensação de ser estrela!

FLORA CASTELO BRANCO.

Por Amor de Deus e dos Homens

Já não sei escrever palavras bonitas sobre a mais linda das festas que a Igreja comemora e a humanidade se lhe associa, recolhida na paz religiosa dos casais, em perene graça de amor fraternal.

A festa da Natividade foi todo o meu enlevo e encantamento de criança; e ainda hoje, traço ao meu espírito recordações saudosas, parecendo-lhe ver — tão vivas elas acodem a lembrança — todos os recantos da minha casinha humilde como o pobre fogo que nos aquecia...

Vai já longe a minha infância: os anos passam, na vertigem tonta do tempo, não nos deixando mais do que a dor enorme duma amaríssima saudade.

Vivê-la é senti-la: sentir é sofrer. Por isso é que eu não sei já escrever palavras bonitas sobre uma festa de tão grande magnitude social e humana. Porque não sou cristão? Porque deixei morrer no coração o amor da fé, da esperança, da caridade? Como se enganam os homens! Vejo-me outro homem, sinto que o meu eu se aproxima mais da ideia de Deus e da Humanidade, tão vilmente servidos porque a avaréza e a ambição se agarraram às riquezas da Terra, renegando a palavra Divina.

Quantas vezes — como um ser sonâmbulo errante à volta de si mesmo — ajuízo das aparências quixotescas do homem, e me fico a olhar para a imensidade! Cismo e penso no azul infinito dos mares e do céu, chamo e imploro, choro e sofro, e só uma voz me responde, cava e funda, aterrando, apavorando o meu espírito de cristão, nesta grande Noite de Consolida, — a voz do Vácuo!

Tudo à minha volta é vazio: de entendimento e de razão, de amor e de sentimento, de verdade e de justiça! A Noite de Natal é a realidade! Com ela se conhece a miséria e a dor: são concubinas do pecado e do sofrimento — filhos do Bezerra de Oiro que os Séculos continuam a oferecer à Idolatria dos poderosos.

Cristão e revoltado por amor de Deus e do homem — partícula sagrada que Jesus desde o Bêrço amou e defendeu com o seu Verbo de Louco Revoltado — eu penso que o Natal, que é para a criança um brinquedo que requer mimos e prendas, para os moços rabinadas e ilusões, e para os velhos saudades e lágrimas a mais, eu penso que o Natal seria uma festa de Beleza e de Alegria se os meus irmãos pobres de pão vissemem a Vida com aquela relativa felicidade que se lhes deve. Matar-lhe a fome num dia é defeito: esquecê-los um ano inteiro não têm perdão os que desconhecem a palavra de Deus!

Deus e a Humanida irmanam-se: nascidos na humildade só conhecem do Bem o bem que criaram. O sofrimento é a Dor que nos faz fixar mais alto o Pensamento — e nesta Noite todas as almas seriam maiores se criassem um Natal eterno... para que os Pobres comessem o Pão — corpo de Deus — e o Vinho — sangue de Cristo — corresse pelas gargantas, apagando a sede do cansado Caminho da Terra.

Natal — 1936.

Afonso França.

CONTO

Numa noite de Natal...

PARA ser feliz, na vida — nada lhe faltava. Tinha milhões, arte elegante, formosura e talento. Tinha admiradores que rastejavam em torno da sua esfiga de carne, propondo-lhe prazeres, a tróco de mundos de riqueza. Tinha orgulho e glória. O triunfo era seu. Tinha nas mãos o capricho

— e dedilhava-o com a mesma facilidade que se desarticula um polichinelo. Envaidecia-se, supondo-se uma mulher diferente e única.

Nas ruas, nas reuniões, no teatro, — olhavam-na, falavam dela, aplaudiam-na. O mundo pertencia-lhe, — homens e mulheres. Aos homens, — vencia-os. A's mulheres, — destronava-as.

Ela era mais do que elas, — porque elas sentiam-se ofuscadas pelo seu nome, pela sua glória, pelo seu talento, pela homenagem que lhe rendiam...

Para ser mais feliz, ainda, — já nada podia apetecer aos seus desejos de mulher...

Os empresários de todo o mundo perseguiram-na, tentando-a com contractos vantajosos. E ela ria.

O seu sonho, ainda não tinha chegado ao fim. A voluptuosa do triunfo opiava-lhe o cérebro, fazendo com que a disputassem pela fortuna.

Enquanto os empresários se fartavam com os lucros que ela lhes dava a ganhar, — havia banqueiros arruinados e chefes de família na miséria.

Cantavam-na os poetas em arrebatadas melodias de amor e apaixonavam-se, em vão, os janotas da sociedade.

Ela parecia invulnerável ao amor. Para a sua vaidade, para o seu orgulho, para a tentação da carne apetejada, — só no poder do ouro era saciável.

Enchia-se o teatro, — apenas para a admirarem. Acima do talento, erguia-se a beleza.

O delírio atingia o zenith. Cartazes policromos anunciavam, pelas ruas da cidade, o seu nome arrebatador — encimando atitudes lúbricas que entusiasmavam a gulodice sensual dos seus admiradores.

E à noite, quando terminava o espectáculo, sob um ruído estonteante de aplausos, — ela sentia-se, cada vez mais, superior a tudo.

Naquela noite fria de Dezembro, que o calendário distinguia das outras por ser a noite que o atavismo cristão dedica ao Natal, — não houve espectáculo no teatro.

Apesar de inúmeras propostas que receberam para estrondosas ceias, — ela não acedeu.

Quis, caprichosamente, aliar-se ao simbolismo da Noite do Natal, celebrando-a na companhia da sua creada particular.

Quando chegou a casa, surpreendeu-a o pedido da servial para passar a noite com a Mãe, velhinha, que a aguardava.

— Então, — respondeu ela, encolerizada, — deixas-me sózinha, nesta casa, envolta numa solidão que me arripia e me mete medo?

Impossível! Não vais! — Mas, eu não posso deixar de ir, minha senhora. Devo ir — porque esta noite pertence-me. Minha mãe espera-me. Na sua velhice, sou a única pessoa que a não devo abandonar, — e é ela, só a ela que me cumpre fazer companhia. É a tradição mais humana da noite de Natal — e eu vou, nem que seja contra a sua vontade e as suas ordens.

Ela olhou-a, com altivez. Não esperava aquelas palavras tão duras, tão dogmáticas. Era preciso que a criada tivesse, também, o "seu", Natal — e fez-lhe uma proposta.

— Passas esta noite comigo. Sentas-te à minha mesa. Nada te falta! Compartilhas da minha felicidade! Dispo de tudo, como se estivesse junto dos teus. És dona do que apetece à tua vontade. Vamos, resolve-te!

— Não, minha Senhora! Por nada deste mundo eu sacrificarei o amor de minha Santa Mãe!

Nada me seduz — nem o luxo de me sentar a uma mesa rica, nem o prazer de saciar os meus desejos ante o que possa fazer-me feliz numa noite — em prejuízo daquela a quem eu devo tudo, — porque é minha Mãe!

Encolerizada — apontou-lhe a porta da rua.

— Vai! Vencêste-me!

É's mais humana do que eu! Não quero contrariar-te!...

E como se um pensamento brusco tivesse detido a manifestação de rancor que se apoderara do seu brio, exclamou:

— Espera! Toma — ofereço-te. É para a tua Mãe.

E fê-la levar inúmeros acepipes e iguarias destinadas ao jantar daquela noite.

Quando a criada safu, invadiram na desejos de fugir — procurando entre os seus aduladores uma companhia que lhe serenasse o ânimo exaltado, e com quem pudesse celebrar o tradicionalismo da Ceia.

Preparou-se. Vasculhou a última caixa de pó de arroz caro que tinha adquirido, há dias. Perfumou-se. Retocou o rouge e avivou o sombreado das orelhas.

Um club mundano, transtornava-a. Ah! ali havia muita alegria, muita música, muita luz.

Havia os admiradores da sua beleza, do seu corpo, — que a disputavam, — e ela queria surpreendê-los nas lisonjas que segredavam, quando aparecia entre eles.

La a sair, ofegante, quando notou, sobre o toilette, o retrato da mãe. Estatizou-se, defronte daquela recordação saudosa que conservava, como uma reliquia, — e fitou-a, demoradamente, lembrando-se das palavras que há pouco, a creada lhe dirigira.

Depois, despertando da letargia em que engolfara o espírito, — resolveu não sair.

— É demais! — murmurou. Parece que endoideço! Não, não vou! Quero ser uma mulher — e não uma hipócrita! Nem luxo, nem prazeres, nem música, nem luz — nesta noite única do ano!

Faça-se um interregno na minha

vida de mentira — porque tudo é falso e horrendo!

Vem, minha Mãe! Esta noite é, também, "minha",! Quero evocar o teu doce nome, a tua santa companhia!...

Que importa o champagne bebido entre sonhos de voluptuosa e desejos, de tentações intoleráveis, entre o ruído da música e a loucura dos homens, entre essa cenografia pôdre de miséria, — quando, no silêncio do meu quarto, junto de ti, eu vou ser mais feliz, mais justa, mais humana?!...

... E foi sentar-se à mesa, desvairada, — enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto, — contemplando, com avidez o retrato da Mãe!...

Ruy de Lucena.

Natal Saudoso

NATAL!... Festa bendita de Amor e Saúde! Fonte perene de perdão e bênçãos! Manancial fecundo de alegria e crença! Elo poderoso de uma tradição cristã e bela que não morre — que jamais morrerá! Festa universal e fraterna — eu te bendigo, eu te bendigo!...

fogueira enorme, cujas labaredas, sôfregas, engolem vidas inocentes e preciosas e se elevam a tanta altura que parece quererem transformar tudo num montão de escumbrões fumegantes.

Por isso, e por muito mais ainda, é que eu considero mais belo, mais ditoso e mais humano o Natal que se vive durante a meninice.

No Natal do homem — do homem que tem sentimentos —, apesar de todo o seu esforço em contrário, há sempre uns laivos de tristeza originada pela recordação desse grande drama que se chama Vida!

Assim, pois, eu evocarei cada vez mais saudosamente o Natal do Amor e da Bondade — o meu Natal de menino!...

Dezembro de 1936.

J. Gualberto de Freitas.

NATAL ETERNO...

NOITE de Dezembro. Há dezanove séculos, no Oriente lendário e misterioso, nascera um Menino. Pobre galileu, em pobres palhas fôra deitado.

De longe, guiados ou atraídos por profética estrêla que sobre uma choupana de Belém mais intensamente fulgia, vieram a saudá-lo humildes pastores e poderosos reis. Incenso e mirra queimaram em sua honra, e ouro ofertaram ao pobre Menino galileu.

O mundo agonizava na imoralidade vilipendiosa. Os senhores, depravados ao máximo da luxúria, exigiam do povo seu vassalo insuportáveis tributos. Por toda a parte, a desolação miseranda duns contrastando com a opulência afrontosa doutros...

Hossana!, hossana!: o povo rejubilava.

... Acolá, em palhas pobres duma pobre choupana, estava a Redenção de tantas dores sofridas, o Resgate de velha e negra escravidão. O Amor ia de novo florir por sobre a Terra, fazendo mirrar nas almas alucinadas o torvo Ódio. A justiça esplenderia em igualdade. O mundo reviveria numa nova Moral, triunfando alfim da morte certa...

Dezanove séculos vão decorridos... O Menino lá continua deitado em palhas pobres dum pobre estábulo, nesse Oriente lendário e misterioso...

E o mundo?!... Ai, o mundo!...

Noite em meio. 24-12-1936. A. de Macedo.

Triste Natal!

Triste Natal o deste ano! Para além dessas fronteiras O homem fez-se tirano Oculto em densas trincheiras!

Como as feras nas cavernas A prepararem o assalto, Longe das bênçãos eternas De Deus, que vive mais alto;

No abismo hediondo e nefasto Dum rancor negro e profundo, Serpenteando de rasto Sobre um lodaçal imundo:

Ele assim vive e confia... Confia em quê? Nem ele sabe, Na loucura que o assafia, Onde a sua fúria cabe!

E assim, no sangue empoçado De irmãos, de filhos e pais, Cada vez mais desgraçado, Sem libertar-se jamais,

Ei-lo, qual fero Caím Ao contemplar seu irmão, Que ele vê morto por fim, Pela sua própria mão!

E nessa luta sangrenta Se vai passar um Natal, Sem que se abra de tormenta, Sem calmar-se o temporal...

Permita Deus que a bonança Não tarde a vir para a Espanha, Como um raio de esperança Que Portugal acompanha!...

Jerónimo d'Almeida.

Necrofobia

Em proporções fantásticas, Terríveis, Misteriosas, Não me sai dos olhos O esguio perfil Daquele alto cipreste Que, Na escuridão, Se desgrenha ao vento E Se reveste De um ar tam patriarcal!

— Retratação de velho, Figuração Mais escura que a tinta natural...

Estremeço ainda, Perdido, E — loucura infinda! — Todo o sangue Se congela nas minhas veias!

— Agoirento relêvo Este abantesma, Fixo, Violentamente prêso Às defuntas lembranças Das minhas ideias...

A sós Vivo em desvario.

Avisto sombras, Vagas aparições, Sepulcros donde saiem mortos.

Aumenta o meu receio.

Invade-me o terror.

Vozes confusas Ouço também, Silvantes, Como rajada de vento Soprada Em redemoinho...

— Meu Deus, Que frio!

— Perdoai-me, Senhor...

1936.

L. COELHO.

Sombra e Luz

ASSOMBROSO é o vulto das hecatombes que, no decorrer destes últimos trinta anos, têm assombrado o Mundo, e muito principalmente a Europa, geradas pela mente desvairada de certos homens, ambiciosos e déspotas.

O aperfeiçoamento da indole dos povos que tantos sacrificios e estudo custou aos nossos nobres e inteligentes antepassados, ei-lo vilipendiado por essa corja de malandros, sanguinários, que visam a estabelecer, pela força, as suas novas e desastradas teorias doutrinárias, de ordem moral, social e política, todas elas faltas de quaisquer bases concretas e perfeitas, transformando o Cosmos em um verdadeiro pântano de horrores e trevas, antes inconcebíveis!

Assim o prova o grau das já, por eles, cometidas experiências, que nos obrigam ao vergonhoso recuo de muitos séculos antes da Civilização — a quando tudo isto era uma vasta selva de feras!

Sem que os anime, a êsses tais bandidos, um mínimo propósito de virtude, amor e paz, geram constantes nos seus arcações de podridão e lama, toda a casta de crimes, ou seja o complemento do lódo onde esfoçam amplamente no saciar os seus instintos de canibais.

Ainda nos vive na ideia, e com verdadeiro pavôr a recordamos, a tremenda carnificina de 1914 — quadro de sangue, horrível e sem precedentes na História Mundial.

Rememorar o que foi essa guerra, seria outro crime de vulto quasi igual. Foram quatro anos de luta viva e desalmada, onde mais de um milhão de criaturas perderam a

vida e de que resultou, ao cabo, ficarem muitos outros milhões lançados na maior desgraça, vindo a arrastarem-se, ainda hoje, para ai, por todo o Mundo, cheios de fome e dores, sem reparo possível, tamanha a ruína em que tudo ficou! Cem anos volvidos após, e em que a paz perdurasse, não chegariam para a reconstrução do que essa catástrofe derruiu!

A excomunhão de Deus lhes caía sobre as cabeças de ferro, onde nunca entrou a luz do Céu, a luz sublime do Amor e da Caridade!

E como a êsses, caia outra mesma excomunhão sobre os vilões que, amantes da discórdia, contentes do mal, desvairados surgiram de caminho, a lançar sobre a humanidade ordeira, a peçonha vil do bolchevismo — esse nefasto regimem iniciado e implantado na Rússia —, o farto pômo prometido aos inconscientes e famintos, mas que, uma vez saboreado, lhes dá todas as torturas do Inferno!

Abyssus abyssum invocat. Impossível acreditar, e todavia é um facto, haja alguém que, depois do conhecimento de tantos horrores, se atreva a lutar em prol dum tal regimem, querendo implantá-lo no seu Paiz, e para mais a Espanha, de sempre considerada a mais católica das nações! Há quatro mezes seguros que os seus filhos se deglamiavam ferozmente, uns com o propósito de vencer o seu desgraçado ideal, e os outros para sustere-lo, e com justiça, a onda encapelada, terrível e negra duns tais algôzes, sorvedeiro do sagrado amor de família e de tudo o mais que representa os loiros de glória e honra dum povo!

Que três dolorosos exemplos! E que fortes arriprios nos invadem o coração, vendo de-

## Farpas

## Natal Santo

Que festa mais encantadora e mais evocadora haverá que a festa santa do Natal?

Pelos séculos dos séculos se tem mantido a velha tradição e todos os anos, nestes dias de festa cristã, todos os lares rejubilam e em todos os corações há uma vibração mais intensa de alegria ao apertar, numa saudação amiga e fraternal, entes queridos que vem de longe para comemorar, entre os da Família, a Natalidade do Senhor.

A tradição é um elo forte a ligar o passado ao presente e a preparar o futuro. E' seiva renovada que dá vida, que dá alento, que dá esperança.

E, assim, na festa do Natal está a consagração da Família, esteio forte das melhores virtudes, cadinho onde se purificam as almas, espelho de puro e límpido cristal, onde se revelam as boas virtudes das gerações passadas a servirem de estímulo às gerações presentes e às que se sucederem.

O Presépio é o símbolo da Família cristã e portuguesa. E na ceia do Natal, nesse banquete a que são convocados todos os parentes, não existe só a alegria dumas horas bem passadas a digerir iguarias especialmente preparadas para esta Festa. Há mais. Há o ambiente familiar, há a união de todos os corações num ritmo novo de reconfortante contentamento, há a dissipação de núvens negras que algumas vezes se acastelaram, ameaçadoramente, sobre alguns dos entes mais queridos, há o reatamento de relações que horas más interromperam, há o amor cristão a purificar as consciências, há o exemplo do Presépio, há o mistério de Belém, há o calor forte da Fé a abrir novos horizontes às almas, a marcar-lhes novos destinos, a apontar-lhes uma vida nova, liberta de egoísmos e cheia de luz e de confiança.

E' esta a grande verdade do Natal, é esta a grande e santa virtude do Natal, é esta a melhor lição que se tira ao contemplar, deslumbrante de luz e reluzente de estrelas, a cena maravilhosa de Belém, onde Deus foi dado ao Mundo para a salvação e santificação das Almas.

S. João das Caldas,  
Natal de 1936.

X. X.

te de nós estas cenas macabras de loucura!

Benditos os tempos idos, quando todos os homens, prós de alma e coração ao Divino Amor de Deus, tementes do Seu castigo e em Sua permanente adoração, viviam implorando em cânticos e orações de puríssima fé, a paz eterna do Universo!

O tempora, o mores!

Hoje por uma forte aberração dos processos educativos, baseados na liberdade máxima, o homem triplicado de vícios, afastando-se do Belo e do Bem, e encafuou-se desavergonhadamente nos lupanares e tabernas, onde, relaxado dos sentimentos, alcoólico profissional, passa o tempo a praticar toda a série de ignomínias e a cogitar nos maiores crimes, sem que a repressão das leis até agora em voga, os tenha reprimido nos seus gestos de demência declarada! E' que o Mal vinga sempre; e o Bem, uma vez quasi extinguido, só poderá revigorar e criar novas raízes quando apareça um pulso hercúleo que o livre de todo o elemento daninho que o circunda! E' assim o único e eficaz processo imposto pela Razão para ser utilizado por quem está de posse e é responsável do domínio, equilíbrio e perfeição de tudo quanto se manifesta humano.

Mãos à obra! E que lhes sirva de baluarte aquela mes-

ma Fé que sempre animou o génio dos nossos heróicos antepassados. Que os impulsione o mesmo e puro sangue de justiça com que os nossos maiores assinalaram os seus grandes e imorredouros feitos de Vitória! Alma até almeida! Os olhos fitos em Deus e a bôca pronunciando animosa o grito de — Salvação! Todos por um e um por todos!

Estamos perto do Grande Dia Natal do Homem-Deus! Desde já, e como então os Seus Apóstolos, façamos bem ouvir por toda a parte a Sua doutrina sublime, de novo inundando de luz do Amôr as almas caídas nas densas trevas dos abismos! E a luz do Céu, iluminando-lhes os espíritos, fal-os-á subir tão alto até onde um novo Paraíso!

Deo gratias!

Natal de 1936.

António Vilaça.

## Parabens

(Véspera de Natal)

Para a B.

Desejo, meu Amor, sinceramente que em tão festivo dia experimentes bem forte alegria, que sintas docemente

todo o prazer e mais a louçania dum coração contente, porque o meu, numa prece bem fremente, sómente assim queria.

Que o dia de hoje fosse de brandura, que não tivesse a mínima amargura teu nobre coração,

da Ventura colhesses doce aragem, e como simples preito e homenagem eu beijo a tua mão.

SAN.

Dezembro de 1936.

## O Natal e as crianças

Recomendamos aos nossos queridos leitores a Camisaria Martins, a casa que mais sortido tem em brinquedos e enfeites do Natal. Brinquedos desde três tostões!! Só na Camisaria Martins e Casa das Meias. (234)

## Lares sem pão...

NATAL! Festa da Igreja! Festa da Família!

Desprega-se das vidraças embaciadas a neve límpida deste cáldio dezembro!

Sente-se delicadamente no coração de todos nós, o tilintar nostálgico da data que toda a humanidade festeja. Festa do Lar! Festa da Família portuguesa! Festa também dos pobres que pelo ano adiante, sofrem as mais acres intempéries da desgraçada e tantas vezes desprotegida existência. Ruídos e pejada de alegria, entre confortos e orgias diversas, se gasta a noite de Natal! Mas não é assim em todos os tectos o ambiente. Nuns, é repleto de satisfação, noutros taciturno e melancólico, onde correm lágrimas mais que alegrias, e se casam com a miserranda ceia, arrecadada de porta em porta, de aldeia em aldeia, e só Deus sabe com que sacrifício!...

Enquanto nos palácios suntuosos, a lista das iguarias é opulenta; enquanto neles se cruzam luzes que ferem a vista, no tugúrio húmido e humilde dos pobres, não há luz, nem iguarias, nem calor!... Há lágrimas e queixumes, há quando muito, o mísero caldo, acompanhado de algumas batatas e couves mal cozidas...

Como é doloroso e confrangedor!... Seja esta quadra de reflexão e sirva de incentivo aos nossos dotes esmoleres. Vejamos nêles a mesma massa social a que pertencemos e procuremos minorar-lhes a dor que os domina, levando-lhes a esmola material que os robustece e a espiritual que lhes tonifica a alma, para a luta terrena que na Eternidade tem o seu prolongamento e fim.

A fome e a desconfiança em

## O Natal do órfão

Vinha descendo a Noite enregelada...

A Lua silenciosa,  
Subia esplendorosa

Como esfera opalina, Hóstia sagrada,  
Banhando agora a Terra  
De fina luz prateada.

Esfumavam-se ao longe os altos cêrros,  
As cristas dos outeiros,  
Os dentes das colinas.

Passava em baixo o rio entre os salgueiros  
Suspirando canções, gemendo mágoas;

E as bagas do luar,  
E as bagas cristalinas

Rolavam sobre as águas  
Como se foram lágrimas de ondinas,  
Fazendo crer que o astro da Tristeza  
Ia chorando gotas diamantinas  
Por toda a Natureza.

Oh noite de alegria!

Oh noite de ventura!

E's como a rosa que vivera um dia,  
Como um raio de sol, que pouco dura!

E em tórno à lauta mesa,  
Saltitavam contentes as crianças,  
Cerúleas andorinhas

Que têm ninhos de amor, feitos de esp'ranças...

Nos seus olhos azuis, que o céu recordam,  
Trasluziam sidéreas claridades;

No coração dos párias da Fortuna,  
Aqueelas horas negras,

Perpassavam medonhas tempestades...

A fome exalta os pobres,  
Põe-lhes na face a angústia do terror:

— Os filhos não têm pão!

E o lar não tem calor...

Oh festa desigualável,  
Risonha e triste, e amarga e deleitosa!

Oh festa inolvidável!

Quem não goza essa noite, por seu mal,  
Vive sempre uma vida tormentosa...

Oh noite côr de rosa!

Oh festa do Natal!

\*

Sobre toalha alvíssima de rendas,  
Agrupam-se os vasos de cristal,

Onde o vinho doirado e generoso  
Tinha as côres do topásio mais mimoso;

Custosas porcelanas  
Vaporavam de leve os mil perfumes

Das tantas iguarias;

E então, de quando em quando,  
Ouvia-se o chalar do alegre bando

Das doidas cotovias...

Na sala, ao canto, a ama, fresca e cheia,  
Bonita camponesa,

Lembrando-se, talvez, com bem tristeza,  
Das noites do Natal da sua aldeia,

Amamentava o fruto da Opulência;

A mãe do fidalguito, junto à mesa,  
Lia com impaciência

Um romance de entrecabo escandaloso...

Entretanto, cá fora, uma viuva

Sentada na soleira,  
Cheia de frio, os olhos inflamados

De ter chorado muito, intercedendo  
Ao Pai dos desertados

Lhes mandasse uma morte passageira,  
Dava o seio ao filhito, os seus cuidados,

Com delícias de mãe — mãe verdadeira...

\*

E enquanto o pequerrucho, envolto em sedas,  
— Futuro milionário —

Tinha o Natal a um peito sem calor,  
A um peito mercenário,

O leite da coitada,  
Premida pela Fome e pela Dor,

Corria para os lábios do órfãozinho  
Como um fio de mel, rio de Amor...

JOÃO DINIZ.

Deus, atrairá o homem para o mais horrível dos abismos.

Natal! Festa da Igreja! Festa da Família! Festa dos Pobres!...

Levantemos hossanas a Deus, rogando para os infelizes, uma vida mais justa e mais humana...

Eis o meu desejo nesta hora de contentamento para alguns e de infortúnios para muitos...

Espozende, 1936.

Domingos Gomes.

## DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Villas-Bôas e Alvim  
Com prática nos hospitais de Lisboa,  
Madrid e Paris.

## CONSULTAS:

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h.

Em Braga: Todos os dias úteis.  
(210) L. Barão S. Martinho, 78.

## Um conselho

SEGUIA eu cautelosamente pela rua fora, evitando assim os charcos de água que a chuva tinha produzido, ao mesmo tempo que fumava um vulgar cigarro nacional porque o meu modesto emprêgo de funcionário público não consente que eu saboreie um egípsio de ponta dourada, perfumado a ambar e de quasi um palmo de comprido, quando topei com a minha vizinha (nós temos sempre uma vizinha nova e gentil) que não caminhava saltitante como é de costume dizer-se, talvez porque as suas botas altas, como se fora um oficial de cavalaria, não o permitiam. As suas botas são como muitas outras que para aí há, não serão bonitas nem elegantes, mas devem ser cómodas, dão-me a impressão, sempre que vejo umas assim, de um carro equipado com pneus super ballon.

Cumprimentei-a muito respeitosa-mente, embora com aquela confiança que de há muito existe entre nós, e paramos um pouco a conversar. Perguntei à minha querida amiga se este ano também ia pôr o sapatinho na

chaminé, como quando era creança. Com o sorriso triste de quem tem alguma coisa que tortura e magôa a alma, Chiquinha disse-me que ainda não sabia bem. O ano passado, acrescentou, houve alguém que substituiu bem o Pai Natal, mas este ano... Não terminou a frase, mas também não foi preciso porque eu matei logo tudo. A minha creada tinha-me informado que a nossa vizinha Chiquinha se tinha zangado com o namôro, pelo menos, ela, por mais que espereitasse através dos óculos que é obrigada a encavalitar no nariz sempre que tem de passar as peugas, não havia meio de o lóbrigar por aquelas redondezas. Já sei o presente que pretende, atalhei eu. Protestou; ainda não me tinha dito o que queria e eu não podia adivinhar os seus pensamentos porque as raparigas de agora são incapazes de pensar em alguma coisa. Sei, disse eu em voz solene, e se não acredita, leia isto. E passei-lhe para as mãos resguardadas por forte luvas de coiro de cavalo, uma «Carêta» já com perto de dois anos. Veja o que diz este médico brasileiro, embora não fale como clínico, e responda-me se ele conhece ou não os seus desejos, e que são sempre iguais em todas as raparigas. A luz já escasseava um pouco pelo que nos tivemos de encostar a uma montanha próxima para que ela pudesse ler essa meia dúzia de palavras e que eu lhe apontava: «E tu, linda amiga gentil que me lês a sorrir com esse teu sorrisinho malicioso de sempre, o que desejas tu do Papai Noel? Um brinquedo, eu sei: esse inútil mas indispensável brinquedo da moda (fantoche triste e ridículo nas tuas mãos ágeis!) que é um homem sentimental e apaixonado».

Nada respondeu, mas o seu tal sorrisinho malicioso disse tudo.

Apertávamos as mãos em sinal de despedida, quando eu, naquele tom de voz que os meus cabelos brancos me permitem que empregue, lhe pedi que me autorizasse a dar-lhe um conselho. Como sempre, respondeu-me amavelmente, dizendo-me que sim.

— Pois minha querida amiga, comecei eu então, é necessário haver muito juízo daqui para o futuro. Vocês são muitas mais que eles, lá fora tem morrido muitos homens, por isso pode haver procura do mercado externo, e não se fiem nos patrióticos cartazes que nos dizem que devemos preferir os produtos nacionais, concorrendo assim para a diminuição do desemprego, pois que «o pão dos vizinhos é sempre o melhor».

Dezembro de 1936.

Francisco António.

## Horas Redentoras

NAQUELE bairro populoso o Natal festejava-se ruidosamente. Nas tabernas, com os cheiros pouco apetitosos das comidas, saía em ondas a música roufenha das grafonolas baratas e dos rádios mais ou menos maus.

Dançava-se, cantava-se, ou com mais propriedade, guinchava-se horrivelmente. De alguns saíam acordes harmoniosos de violão e de guitarra acompanhadas de uma voz doce de mulher gemendo um fado que se perdia entre o ruído ensurdecedor.

Haviam de ser pouco mais ou menos as dez.

Aquela hora quasi não havia gente nas ruas.

Os que tinham família gosavam êsses instantes suaves na intimidade do lar, e os que não tinham preferiam divertimentos mais ruidosos, invadiam as tabernas e os restaurantes.

Como uma sombra, pelas ruas estreitas, seguia uma mulher idosa, abrigada em um chaile esburacado, que apesar de caminhar tristemente curvada se adivinhava ter uma aparência quasi distinta.

Debaixo do braço, semi-oculto pelo chaile, levava um embrulho.

Vagarosamente, mas sem hesitar, penetrara nas ruelas tristes e húmidas, e no meio de uma delas parou.

A aparência da casa não deferia das outras; era como todas: alta e negrecida. Penetrou no escuro portal e principiou subindo a escada; lá, como em toda a parte, o ruído continuava. De uns andares música, de outros ruídos, discussões e cantares.

Conforme ia subindo, via que nem em uma só porta havia silêncio e descanso. Embora fatigada, ela tinha pressa de chegar, pois era visível o seu sofrimento.

Agarrada ao corrimão fumarento, acabou de trepar até ao

4.º andar, e uma vez lá diante da única porta sem luz e sem barulho, meteu a chave e entrou.

Mesmo sem luz, somente com a pouca que penetrava da iluminação da rua, dirigiu-se nesse pobre interior familiar para uma velha cadeira de verga, e aí se deixou cair mais vergada à dor que ao cansaço.

Estava, porém, escrito que nem de um silêncio relativo gosaria nessa noite sublime de bênçãos e perdão.

Pegado, em casa da vizinha hortaliçeira — uma mulherzinha vermelhaça que avesava o seu vintém e que tinha quatro filhas casadoiras e desempenhadas — dançava-se de tamancos, gemia o harmónio e a viola, parecendo uma dança interminável e infernal.

Ao lado, a vizinha silenciosa, apertava as mãos na cabeça, e chorava convulsivamente. E' que essa mulher conhecera em tempos dias felizes!

Filha de um coronel, fôra criada quasi na opulência.

A sua educação fôra esmerada, e frequentára a mais distinta sociedade.

Mais tarde casou com um alferes que ardentemente amou, mas que, como seu pai, tinha apenas de seu o brilho da farda e o seu slôdo. Casaram e durante anos tudo foi bem. Ele amava a mulher e estremeceu a única filhinha que Deus quisera dar-lhes.

A política, porém, sombra nefasta e eterna inimiga da paz das famílias, levou-o a tomar parte em uma revolução que uma vez fracassada o conduziu ao exílio e à demissão do exército.

Vieram então os dias maus. A pequenita, meia mulherzinha, teve de interromper os seus estudos, e passar esmolando quasi, um lugar em qualquer armazém de modas, mas o lugar não chegava, e elas coitadas tabalhavam no que aparecia.

Costuravam para uma casa de fato feito, terrivelmente mal pagas, mas ainda assim relativamente felizes por acharem que fazer. A filha, a sua linda Encarnação, conseguira ainda uma lição de primeiras letras. Não morriam de fome, mas...

Entretanto a má sorte não parára ainda. Vitima de uma febre traiçoeira, no exílio morria o chefe dêsse lar, que tanto amara os seus, mas que os não soubera proteger.

O desânimo junto com a dor, nas duas, chegou então ao cúmulo. Debalde choraram e se desesperaram, pois logo tiveram de retomar a pesada cruz que lhes desabara sobre os ombros.

A vida tinha de voltar ao seu curso para poderem viver, e continuou pois triste e exaustiva, mas as duas só agora mediam bem todo o horror da sua miséria, quando até aí acalentavam ainda a esperança.

Passaram-se dias após dias, sempre monótonos, sempre iguais, mas duma vez, uma carta de um parente rico que as não esquecera de todo, apareceu anunciando que Encarnação seria colocada em casa de uma florista em voga, e junto enviava dinheiro para um vestido. Foi, e junto à recomendação, como era linda e graciosa, agradou.

Depressa ninguém a excedeu no mimo de arranjar os ramos nem na graça delicada com que vendia. O ordenado aumentou. Em casa vivia-se um nadinha melhor, e a velha senhora se não esquecia a sua saúde, revia-se com orgulho na mocidade esplêndida da filha, seu único enlêdo.

A entrada, porém, na casa da florista não fôra para Encarnação uma felicidade como parecera; fôra até, talvez, uma desgraça.

Um dia, a deliciosa criança desapareceu de casa deixando para sua mãe, junto com o seu último ordenado, uma carta tristíssima em que lhe confessava não poder resistir ao amor

do homem que amava, e que, embora sabendo o mal que fazia, partia com a confiança que voltaria em breve aos seus braços, pois só a brilhante posição da família dele, originava a oposição que confiava se desfaria com o tempo.

Infelizmente não se morre de dôr, senão a pobre senhora teria morrido. Mais curvada, trabalhava com ardor, agora mais que nunca, para se não dirigir à família, pois sentia-se coberta de vergonha.

A filha escrevia-lhe, mas ela cosida com as paredes, embrulhando-se mais no chaile esburacado para tapar o rosto que a vergonha fazia enrubescer, ia pela noite alta depôr na caixa do correio da linda casinha onde morava a filha, as cartas que não queria ler. E' que era mãe, e tinha medo de fraquejar!

Foi tudo isto que viu passar ante os seus olhos chorosos e cansados, enquanto apertava a cabeça com desespero.

O embrolho tombara no chão. Tudo esquecera da sua vida material, nem sequer se lembrava, naquele ambiente gelado, de fazer um pouco de lume, nem de cuidar de sua comida.

Naquela noite de alegrias, ela ceava lágrimas e recordações amargas!

Sentindo um excesso de fraqueza, pensou: e quando eu já não puder trabalhar? Encolheu os ombros e murmurou alto: será a libertação, Deus a traga. E ficou-se de olhos secos e febris numa quasi insensibilidade. Estava esgotada pela dor e pelas lágrimas.

Deram onze, e onze e meia na torre próxima, e ela não se mexeu. Mas agora, passos ligeiros sobem a escada, e vão parar à porta da desamparada criatura. Batem duas vezes, e a velha de tão alheada, nem ouviu. Batem de novo com força, quasi com fúria. Despertou, e como sonâmbula, sem uma palavra, sem um gesto, foi abrir.

Dois braços novos e fortes enlaçaram-na; era a filha.

Nun grito vibrante de que ninguém a julgaria capaz, disse: —vai-te desgraçada! Mas radiante e feliz a filha afirmou-lhe com voz forte: — não irei, mamã. Sabe? Caso-me amanhã, venho buscá-la. Ele está lá em baixo, não se atreveu a subir.

— Diga, disse suplicante, perdoa-me?

Ante a sua incredulidade, segredou-lhe: — fui falar com a mãe dele, coitada, tão boa! Perdoou-me tudo, ao saber que ia ser avó...

O noivo da filha, ao ver a demora, subiu impaciente.

Agora eram dois que a abraçavam, e a levaram como uma criança que não crê na posse do brinquedo apetecido.

Na casa da hortaliçeira a dança infernal continuava, e a música e discussões alegres em todos os andares.

Dêste drama íntimo, passado nêsse dia de Redenção, não houve testemunhas. Na casa em festa, ninguém dera portal, e, contudo, também essa bela noite fôra para as duas, o dia da Redenção.

Natal de 1936.

Zita de Portugal.



## Natal

LEMBRO-ME ainda bem; — e como recorde esse tempo com saudade —!

Quando era pequeno e presentia ainda de longe aproximarem-se o Natal uma alegria que não sei descrever me invadia a alma numa ânsia cada vez mais crescente de chegar ao almejado dia da Festa.

E ia contando, contando sempre os dias que a pesar de pequenos me pareciam anos, a ponto de, já na véspera, o Natal se me afigurar muito distante ainda!

Era a festa mais predilecta que o calendário marcava no decurso do ano, a mais grata ao meu pequenino coração de crente não só pelo seu alto significado — o Nascimento de Jesus! — como pela abundância e variedade de dôce que eu devorava avidamente, os pinhões, os brinqueados e a farpela nova para estreiar nesse dia, costume muito em voga pelas nossas aldeias.

E, então, tudo em redor de mim parecia sorrir, esperanças fagueiras desabrochavam em meu peito como botão de rosa, sonhando felicidade!

Assim foram passando os anos formando lindos castelos de quimeras, até que, levado pela mão da Natureza, entrei no seio da sociedade, que fui estudando, palpando, compulsando e examinando os actos dos homens no que tinham de bom ou de defeituoso, e, dentro de pouco, o que de desenganos e de ilusões desfeitas!

Tôdas as esperanças se esvaíram como o fumo ao mais leve sopro da viração, tôda a felicidade sonhada desaparecera para sempre!

E agora que vou já descendo a ladeira da vida, passando por vicissitudes que já mais imaginei, sentindo o aguilhoar constante do desengano, preocupado-me somente a manutenção da minha família para a qual tenho de angariar os necessários proventos, pensando na forma de, sem ser hipócrita, viver no meio de uma sociedade com todos os requintes de falsídica e que, por isso, mereceu, ainda há pouco, de um distinto orador sagrado a seguinte referência: — Mais facilmente chega à presença de Deus o inocente latir de um cão, do que o muito rezar de certas criaturas!

De facto, há muitas pessoas que vivem acobertadas pelo manto da religião que Jesus prêgou e que dizem professar sinceramente, quando os seus processos e os seus actos são absolutamente antagónicos com a mesma religião.

São o embuste, a negação completa dos sagrados princípios de Aquele cujo nascimento comemoramos hoje, solenemente!

C. R. Capela.

### A um apaixonado Investigador

Meu prezado Amigo e bom senhor:

Na vizinhança bem querida e muito saudável dos lugares aprazíveis e prè-históricos da Citânia e do Sabroso e com o famoso Penedo de Trajano ao pé da porta; e aborrecido, mesmo com náuseas, de muitas coisas e por atitudes irritantes de certas pessoas desavindas, obstinadamente, com a elegância moral, nos «tempos novos» (ou que ditos novos são, por exumarem, de volutabros antigos, fedentinos aspectos), procuro cada vez mais avidamente o doce refúgio das antiguidades. E... proponho, sem mais, o que desejo:

Pinho Leal, na pág. 448 do vol. I do «Portugal Antigo e Moderno», deixou esta impressionante e curiosa informação:

«Segundo Paulo Osório, Bra-

## SONETO

Se considero o triste abatimento  
Em que me faz jazer minha desgraça,  
A desesperação me despedaça  
No mesmo instante o frágil sofrimento:

Mas súbito me diz o pensamento  
Para aplacar-me a dôr, que me trespassa,  
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,  
Teve num vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redentor chorando,  
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,  
A milagrosa estrela os reis guiando;

Vejo-o morrer depois, oh pecadores,  
Por nós, e fecho os olhos adorando  
Os castigos dos céus como favores.

BOCAGE.

ga foi a primeira cidade das Espanhas onde se publicou o édito que César Augusto passou em Tarragona (capital da provincia tarraconense, que chegava até ao Porto e cuja principal Chancelaria, ou Relação, era Braga), para que todos os homens do império romano fôsem oferecidos a Jesus Cristo, que daí a poucos anos havia de vir a terra».

Pinho Leal era um homem comprovadamente honesto e foi sempre determinado pela melhor intenção, ao realizar a obra a que pertence o transcripto recorte.

Mas encontrar-se-á confirmação daquela referência em autores que sigam escrupulosamente o rigoroso critério da moderna critica histórica?

César Augusto era imperador havia vinte e três anos, quando nasceu Jesus Cristo. E governou ainda quinze anos.

Como foi que esse *divo*, ordenando que «todos os homens do império romano fôsem oferecidos a Jesus», se não ofereceu êle também e para exemplo? Como não seguiu uma linha de coerência e harmonia, dignificando-se — êle que, de resto, excedeu muito a craveira comum dos imperadores, como inteligente e prático?

Seria mais um entremês do exímio actor que, na hora da morte, perguntou se não tinha representado bem a comédia da vida, — comentando assim a resposta dos circunstantes, ao expirar: «... então, batei palmas e aplaudi-me!»

Caldas das Taipas.

P.ª Silva Gonçalves.  
(Gervásio)

### Notas tripeiras

A noite de sábado penúltimo deu ensejo a mais um triunfo para o já glorioso Orfeão Luzitano, pois, como é sabido, foi abrilhantar o 67.º aniversário da fundação da Biblioteca do velho Ateneu Comercial.

A imprensa diária rendeu-lhe merecidos elogios, não só pelo mimo da execução, cheia de sonoridade, mas também pelos lindos números apresentados, entre os quais figura um da autoria do ilustre Artista Afonso Valentim, seu ilustre Regente, a quem prestamos as nossas sinceras homenagens.

Temos tido o prazer de assistir a alguns dos seus ensaios e, seja dito de passagem, logo se deixam ver o bom gosto e a boa-vontade de todos os seus elementos.

Rapazes e raparigas — disciplinados condiscipulos que o Mestre acarinha — dão-lhe todo o seu entusiasmo, principalmente os segundos que estão sempre prontos para as curvas... dos ensaios.

Houira seja feita, pois, a todos! E que todos os seus dignos sócios, desde os auxiliares aos de maior categoria, prestem como devem, o seu auxilio à primeira colectividade artística, do Porto não só para maior honra do Orfeão Luzitano, como também para servir de orgulho aos tripeiros.

A Direcção da Saúde Pública vem lembrar às Câmaras e às Delegacias de Saúde da Província para fazerem uma grande propaganda contra o mau e péssimo costume que a mór parte das pessoas têm de fazer das artérias das cidades e vilas pronto escarrador.

Nada mais acertado! Duvidamos, porém, da eficácia desta nova e salutar medida, a não ser

que o transeunte seja precedido dum policia ou zelador municipal.

E' uma medida higienica, verdadeiramente anti-tuberculosa, sãbiamente social e educativa.

A-par desta impô-se aquella outra a que nos temos referido: reprimir, com castigo e tudo o mais ao alcance da intelligencia e critério da D. de Saúde Pública, da Câmara e autoridades sanitárias, o uso e abuso de pessoas sem educação nem responsabilidade, que levam os seus dias a apanhar pontas de cigarros, que bem podem servir de novo e de novo queimado e apanhado.

Ignorará, por ventura, a Direcção da Saúde Pública dêste caso de alta importância profilativa?

A's homenagens que a Redacção do «Noticias de Guimarães» presta, no seu último número, ao ilustre Director por motivo do seu 27.º aniversário natalicio, juntamos as nossas muito sinceras.

Antonino Dias de Castro é crêdor de palavras de justiça, e as que lhe foram dirigidas publicamente mostram bem o valor, o seu esforço e a sua grande vontade de vencer. Reciba, portanto, os nossos cumprimentos.

A tôdas as pessoas amigas, inimigas — se é que temos inimigos —, assinantes e prezados leitores destas despreziosas notas tripeiras, cumprimentamos muito fraternal e cristãmente, com os maiores desejos de que a Noite de Consoada seja passada com a máxima alegria e que o Novo Ano de 1937 surja como uma alvorada de promessas e de realidades.

São os nossos votos, e praza a Deus que o futuro seja menos carrancudo que este presente de pezadelo e de médo.

... E se houver algum amigo que se queira lembrar de nós com uma simples lembrança, para matar saudades, aqui lha agradecemos... porque como o filho pródigo, «andamos por terras estranhas... longe do berço natal!»

E... até ao Ano, se Deus o permitir!

Dezembro-1936.

Domingos Ribeiro.

P. S. — A nossa morada é na Rua da Picaria, 85

### Fé, Amor e Saudade

A gentil mademoiselle M. V. T. V.

AMAVAM-SE enternecidamente. Era ela uma rapariga preudada, tão elegante quanto tinha de formosa, linda e branca como as açucenas.

Ele era um rapaz bem formado, física e intellectualmente, de maneiras distintas, simpático, moreno mas um tanto pálido.

Um par bem interessante, pois parecia que Deus os havia talhado um para o outro. Ambos de famílias respeitáveis, embora pobres, viviam na doce esperança de constituir um lar ditoso, cedo ou tarde, quando o atroz destino, implacável e traiçoeiro, veio toldar aquela ambição, perturbar êsses dois jovens corações e veio opor-se à união dessas duas almas enamouradas.

Caprichos, preconceitos ou notório interesse, fizeram com que o honesto moço resolvesse dar à sua vida um rumo diferente daquele que lhe vinha imprimindo, talvez esperando em resgatar com brio, esforço de intelligencia e ardorosa mocidade aquela pena que lhe impunham, partindo para insôpitas paragens, ainda que alcançado de coração e saudoso do seu Amor.

Partiu. Chorou com amargura a ausência quasi de proscrito, eulvou-se na recordação da sua terra querida e, o que é mais, sentiu-se abandonado e só.

Longe, lá muito longe, em tudo pensa e pensa na eleita do seu coração. Mouraja com denodado esforço, dir-se-ia com esforço titânico, procurando no labirinto do incerto futuro o caminho certo da Felicidade. Conformado, esquece a desventura, sofre

a incontinência agra da hipocrisia social, torna-se um revoltado da vida e não arrefece em seu labor.

A saudade, êsse amargo pungir de infelizes, aumenta, cresce em cada etapa, rola sobre si mesmo, submergindo-o por vezes no mar da incontinida revolta ou entreabrindo-lhe no peito a fagueira e risonha esperança de breve regresso.

Correm os dias... Contam-se os meses...

A 25 de Dezembro, Dia de Natal, santificado de unção religiosa e pela Fé, dia consagrado à Família, em que tudo é amor e júbilo, lembra-se da Pátria distante, recorda a sua terra-amada, traz à lembrança o aconchego do seu esquecido lar e dedica os seus melhores pensamentos para o anjo que lhe ilumina tôda a sua vida, bem-querer que não consegue desfolar.

Nunca lhe parecera a existência tão solitária como nesse dia. Batida a meia-noite, concentra o torvelinho das suas ideias e deixa de seus lábios se desprender uma oração impregnada de misticismo, ardentemente suplicante, pedindo a Deus que o ouça e o bafeje com a divina graça, dando-lhe a suprema ventura de poder voltar à terra natal — a maior ambição da sua vida inteira — no anseio ilimitado de conseguir o que lhe parecia quasi um impossível — o ninho do seu amor.

Não foi em vão a prece erguida ao Altíssimo! Inundou-se-lhe de alegria o coração e qualquer coisa de extraordinário o fez pulsar mais forte, com um baque de pô-lo em sobressalto...

O que se passaria de extraordinário naquelle cérebro para assim o abalar tão violentamente, o sacudir de modo tão intenso?

Acabam de lhe transmitir que a talhada, a sorte grande o procura, a um tempo que indagam se na verdade possui o vigésimo 11.400 — o número premiado...

E' verdade. A Fortuna Felice se abeira para oferecer-lhe a felicidade almejada, graças a Deus omnipotente e omnipotente.

Prepara-se para o regresso...

Sente que vai satisfazer a sua ambição, e apenas se mostra indeciso no que lhe possa suceder durante a longa viagem.

Pelo emmaranhado das ideias, fulge o único pensamento: — chegar depressa para depressa cair nos braços do seu Amor.

Oh, certamente! Certamente que êle irá encontrar aplaudidos todos os obstáculos e limadas tôdas as arestas da contrariedade...

A sociedade, os pais da sua noiva, tôda a gente, enfim, o receberão de braços abertos por se tratar de um capitalista capaz de tornar feliz a mulher mais pobre.

A força de vontade, o amor e a fé deram-lhe o triunfo — prémio do seu cansaoso trabalho e do seu impossível sacrificio.

A. M.

### EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)  
Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência

#### IGREJAS

##### Da Misericórdia

Está esta igreja ainda hoje situada na antiquíssima rua Sapateira, depois da Rainha, em comemoração de D. Maria II ter elevado a vila à categoria de cidade, e actualmente da República, local onde primitivamente foi edificada. Esta igreja e o restante edificio da Santa Casa da Misericórdia se construíram em uns terrenos ocupados por umas casas que a respectiva irmandade adquiriu por 90\$000 reis a por volta de 1588. Principada a construção em 1595 (pouco mais ou menos) foi esta igreja inaugurada em 1606, se bem que ainda não estivesse concluída, o que levou muitos anos a realizar-se. Em 1634 haviam obras nesta igreja pois vigorava a imposição de um ceilim em cada quartilho de viúho.

Consta a noticia da sua construção de uma escritura lavrada em 16 de Abril do dito ano, conforme a resolução tomalla em Mesa, no tempo do Provedor Cosme Meira, construção que foi adjudicada aos artistas vimaranenses Gonçalo Lopes, mestre de pedraria e seu genro Pedro Afonso de Amorim, moradores na antiga rua da Caldeirã, modernamente do dr. Trindade Coelho. Era então tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia Domingos Gonçalves Peziz. A sua frontaria é elegante e bem trabalhada em pedra com uma porta entre 4 colunas corintias sobrepujado por um nicho ou oratório envidraçada entre outras tantas colunas, onde se vê a imagem da Padroeira em estatura natural com a seguinte legenda: *estote misericordes* e cuja obra foi iniciada em 1604 por contrato lavrado em 14 de Novembro.

Na dita reunião se resolveu que N. Senhora da Misericórdia tivesse um manto e dehaço dele estivesse de cada lado uma figura de *gíolhos*, sendo as pontas do dito manto seguras e levantadas de cada banda pela mão de um anjo, o que se cumpriu e é o que lá está.

Na mesma reunião foi determinado mais, que a pedra para êste fim fôse de *gacho* e que a parede em que apoia a porta, tanto da parte de dentro como da de fora tivesse 5 palmos de largura, empregando-se na dita obra pedra de Gonga, conforme já se havia gasto na abóbada e arco da capela-mor.

Era Provedor da Santa Casa e que

assistiu à reunião Jorge do Val (Vieira) e tesoureiro João Alves, recebendo logo os empreiteiros cem cruzados por conta, ficando o pagamento de ser feito aos poucos, conforme a obra se fôsse realizando.

Apresenta 6 altares. No mor recebem culto as imagens de N. S. de *Lourdes* e de *la Salette* adquiridas pela respectiva Irmandade em 1889, sendo dois dos laterais dedicados a N. Senhora da Paz e N. Senhora das Dores.

A capela-mor ostenta um elevado arco que, segundo determinação, na dita reunião tomada, devia ter 45 palmos de base ou fundamento do pedestal até ao sobreleito do capitel, sendo lagedadas, as paredes, nas quais seriam abertas duas grandes frestas, uma de cada lado com 4 palmos de largo em vão e 15 de alto de vão.

Os paineis que a igreja apresenta foram ordenados a fazerem-se em reunião de 15 de Julho de 1609 e adjudicados ao pintor Domingos Lourenço, do Porto, sendo 6 no corpo da igreja da altura de 12 palmos e 10 de largura com azulejos da parte de fora de cada painel, e outro painel no côro de maior grandeza, pelo que o artista recebeu 22\$500 reis não obstante o contrato ser de 17\$000 reis.

Recebem mais, porém, porque encarnou a imagem do *Ecce-Homo*.

Era então Provedor Jerónimo Carvalho da Afonseca.

Em 1627 foram feitas as grades de pau Brasil, da capela-mor chamadas da teia pelo artista portuense Francisco Moreira pela quantia de 20\$000 reis e em seguida doada pelo artista braçarense Sebastião Ferreira ou Pereira, de cujo serviço recebeu 9\$200 reis por ter estofado um pelicanoço, feito por Matens de Andrade pela quantia de 1\$200 reis. Este pelicanoço era destinado a ser colocado, em 5.ª feira Santa, sobre o sacrário e nele (pelicanoço) se colocou suspenso do peito, uma pequena custódia com a hóstia consagrada, na missa dêsse dia. A custódia para êsse fim limitava-se apenas ao círculo de metal, sem pena.

Em Novembro de 1649 foi resolvido em Mesa a instituição do côro de harmonia com a vontade do desembargador eclesiástico de Braga rev. dr. Paulo Mesquita Sobrinho que doou à Misericórdia os devidos elementos financeiros para êste e outros fins religiosos.

Foram logo admitidos seis capelães com várias obrigações de missas e reza em côro, todos os dias, um sacrário também padre com o determinado fim de tratar da sacristia e dos paramentos, que já nesse tempo eram bastantes, com o ordenado de 60 razas de milho e 3\$000 reis em dinheiro para o centeio do viúho e 5 razas de trigo para hóstias, das missas. Mais tarde houve um sacrário-mor também eclesiástico que era ao mesmo tempo capelão com o qual os outros mal se apinhavam. Em 1806 êste côro deixou de funcionar 7 anos por causa dos capelães terem feito uma espécie de greve, não comparecendo ao serviço do qual se despediram devido à deficiência de remuneração pois era muito pouco o que cada um recebia: 120 reis diários, além de 160 reis por cada missa. Despediram-se os 8 capelães que então havia.

(Continua.)

P.ª Alberto Gonçalves.

### Boletim de Informações Continental Filmes, L.ª

Chegou a Lisboa, vindo do Porto Santo, o jovem realizador Jorge Brum do Canto, que está dirigindo «A Canção da Terra». Dentro em breves dias começarão nos estúdios da Tobis Portuguesa, as filmagens dos interiores do filme, que deve estar concluído e pronto para a montagem antes do fim do corrente ano. A data provável da estreia do mesmo, será em Março de 1937.

Uma das mais grandiosas cenas de conjunto que se tem apresentado em cinema, será admirada em «Orgia Doirada», filme da Warner-First a apresentar em breve no Politeama. Imaginem-se 300 ou 400 lindas raparigas, movimentando-se num décor de sonho, cantando, bailando e tocando violino impetuosamente. Em determinado momento, só se veem os violinos, iluminados a «néon», que nos dão inesquecíveis visões de caleidoscópio, formando os mais lindos arabescos de incomparável feito cinematográfico.

Errol Flynn, o juvenil interprete de «Capitão Blood», que conquistou as simpatias de toda a gente, é um dos principais interpretes de «Charge of Light Brigade» (A Carga da Brigada Ligeira), um filme excepcional superior a «Lanceiros da Índia», realizado por Michael Curtiz, o homem que fez também o memorável «Capitão Blood».

Anatol Litvak, o realizador russo, cujo contrato com a Warner noticiamos acima, vai já começar a dirigir o seu primeiro filme na América: Trata-se de um grande assunto histórico, que tem inspirado escritores, poetas, autores dramaticos e cineastas — «Joana d'Arc...» A Warner-First e Anatol Litvak, decidiram confiar o difícil e maravilhoso personagem da heroína a uma artista de incontestável talento e que o público de todo o mundo muito admira — Claudet Colbert.

O manuscrito que vai servir de base à realização do filme, foi composto em França, segundo documentos e crónicas do tempo rebuscadas nos arquivos. Aproximam-se o mais possível da verdade histórica e foca um aspecto inédito ainda na tela da Virgem de Orleans.

Assinar o «Noticias de Guimarães», é dever dos vimaranenses.

# Interesses Municipais

Uma

## Récita de Gala no Teatro D. Afonso Henriques pelo Natal de 1936!

O criado de vocalências, At.º Ven.ºr Obg.º, que redige estas notas, desejando-lhes muito respeitosamente *Bom Natal*, pede vénia e desculpa de, nestas páginas soleníssimas (mesmo para não empanar demasiado o conjunto orquestral da excelente colaboração) dar hoje homem por si, como o singelo relato da conversa, melhor dizendo: do solilóquio, agora mesmo apanhado em flagrante delicto de ser proferido por muito amável cavalheiro, cujo nome e mais partes se ocultam modestamente à publicidade indiscreta, como, para demais, escusados. Manda a verdade, a relativa parcela da verdade jornalística, que se diga, porém, haver-nos parecido o homem, aliás muito boa pessoa, como sofrendo de qualquer *prelção mental*. — «Acabo, disse-nos êle, de assistir a um espectáculo absolutamente memorável e inédito no nosso *Teatro D. Afonso Henriques*, aqui mesmo, nesta nobre, fidalga, rica e progressiva Guimarães e neste fausto dia de Natal de 1936. Não se espante assim de eu lhe referir como *passada* uma coisa ainda *future*, pois — que direitos mais tem o historiador de apanhar a seu talante os acontecimentos já vividos há muitos séculos, alterando-os e amaneirando-os como lhe dá na gana, do que o simples narrador que, de poucos dias, antecede o sentimento e a exaração doutros acontecimentos que muito bem poderia vir a observar. Volto ao ponto: acabo de assistir, no *Teatro D. Afonso Henriques*, a uma récita de gala, na noite do dia de Natal de 1936. Ia eu a passar no Campo da Feira. A porta estava aberta. Lá dentro luziam uns fogaréus e cintilavam lamparinas. Vi entrar uma gentinha. Entrei também. A minha primeira impressão foi de gelado pavor. Bafo, humidade, miséria. Mas, na meia treva, não podia distinguir e lembrei-me de que, naturalmente, se representava qualquer drama noturno. E, na verdade, conheci logo a meiga voz, tam portuguesa, da grande actriz Virginia numa cena arripiante da *Dor Suprema*, de Marcelino Mesquita:

«*Júlia* — ...Na noite em que a pequenita morreu, uma hora antes, a dizer que estava melhor, que estava melhor, que melhorava! Ele soube lá nunca o que ela teve! Foi êle que a matou, foi êle! Ele e tu! Salvam-se os filhos de tôda a gente, mais doentes do que a minha filha, e só ela morreu!»

Mas logo, de sítio diferente, ouvi o Augusto Rosa, no papel de Crisóstomo da peça *Crucificados*, de Júlio Dantas: «*Crisóstomo* — Falhei. Nem eu sei porquê. Não foi por falta de talento. Mas falhei. Em tudo. A minha mãe era linda. Nasci feio. Tenho o ar de andar a pedir a tôda a gente perdão de ter esta cara. O meu pai era forte. Nasci fraco. A minha família era rica. Nasci pobre. Não há que ver, falhei. (Com um sorriso doloroso): Mas o pior são as botas.»

E já a voz cavernosa de Ferreira da Silva no *Pântano*, de D. João da Câmara:

«*José* — E no palácio há frémits sinistros de que as corujas se riem. As corujas riem, e ninguém dorme e ninguém vela, porque dormir não é gemer, porque velar não é ter sonhos. Eh! Eh! Eh! Eh! *Requiam aeternam dona ei, Domine!*»

E eu tremia de arripiado, os cabelos em pé — e foi só então que reparei, trespassado do maior espanto, na transformação profunda pela qual aquela casa havia passado: todo o teatro se convertera em quadros de cenário e assim com tantos palcos quantos eram outrora os camarotes, a plateia, o geral, os corredores, os camarins, e, em cada uma dessas partes, se representava, com inimitável realismo, um quadro diferente, resultando o drama da vida e a récita de gala do conjunto dessas várias e distintas parcelas! Não imagina que espectáculo assombroso e profundo! A vida humana, de que os maiores gênios apenas nos tinham daído *apontamentos sugestivos*, eu via-a ali viver em intensidade incomparável. Ah! Como os chamados realistas corariam das suas ingenuidades. E dizem as más-línguas que não há Teatro em Guimarães. Mas, adeus, adeus!»

— Onde vai assim a correr? — perguntei-lhe.  
— «Ora essa! Vou dar esta grande novidade — se lhe parece! — ao sr. Jerónimo Sampaio.»

## Grande manifestação do Povo de Guimarães ao "Vitória Sport Club," (Campeão Distrital)

Promovido por um grupo de simpatizantes do nosso valoroso «Vitória» realizou-se na passada 2.ª feira uma grandiosa manifestação de regoijio, em que cooperaram os briosos Empregados do Comércio e as Bandas dos Bombeiros Voluntários e Pevidém. Cerca das 21 horas, já a ampla Praça de D. Afonso Henriques regorgitava de gente e a séde do nosso primeiro club desportivo se encontrava profusamente iluminada. Denotava-se o entusiasmo em todos os rostos e a ansiedade de aplaudir os bravos rapazes que representaram o onze vimezanense no decorrer do campeonato era notória.

Ouve-se o estrepitar dos foguetes para as bandas do Benlhevai; sobem os primeiros acordes do «Hino da Cidade», que anima e faz exultar os corações de alegria; redobra em interesse a população cidadina ao avistar as primeiras figuras do cortejo luminoso; repicam festivamente os sinos da bazílica de S. Pedro... e o cortejo avança e segue o seu itinerário, Toural (lado Poente), Praça 23 de Maio, S. Dâmaso, Largo 1.º de Maio, Rua da República e Toural (lado Nascente). Em frente da séde do nosso galhardo representante desportivo, o cortejo pára e entra a saúdar delirantemente os jogadores e a Comissão Administrativa que ocupavam a principal sacada do belo edificio do Café Oriental.

Saúdações estrondosas, veementes e vibrantes. Feito o silêncio, o distinto advogado e grande entusiasta das coisas desportivas, sr. Dr. José Pinto Rodrigues, em nome dos organizadores da manifestação profere, em voz timbrada e forte, a sua eloquente saúdação, concebida nos termos seguintes:

Esta manifestação — entusiástica, vibrante, sentida, sinceríssima — bem a merecem os jogadores do nosso querido «Vitória», — os briosos rapazes que, após um campeonato cheio de rudeza, e até da descaróavel violência, mais uma vez trouxeram para a nossa Terra — Terra entre todas gloriosa — um título que é orgulho e honra de todos nós, pela maneira elevada, digna, absolutamente desportiva, como foi conseguido!

Bem merecem igualmente esta apoteótica manifestação os homens que se encontram à frente dos destinos desta colectividade — colectividade que hoje, mercê da orientação dos seus dirigentes — dos presentes e dos passados, mas sobretudo dos actuais — marca entre as que mais illustam os pergaminhos vimezanenses, um lugar de inconfundível relevo!

Naverdade, se uns, no campo, se esforçam por manter sempre elevada e dignificada a bandeira do club e — o que é mais — o nome de Guimarães, os outros têm de arcar com as mil e

umas picufinhas, malsinações, intrigas, torpezas, vilanias e maquiavelismos de certos meios que nunca nos perdoadam sermos superiores! — **superiores em tudo**, no jôgo da bola e no mais...

Interpretando o sentido da população vimezanense — pois todos os vimezanenses, aqueles, pelo menos, que como tais podem ser considerados, se associam a esta Festa — eu dirijo a uns e outros — aos jogadores e aos directores — as mais calorosas saúdações, aqui lhe expressando, nestas palavras descoloridas, mas muito do coração, o agradecimento, a gratidão e o aplauso incondicional, veemente, do Povo de Guimarães!

Honra-me sobremodo o encargo que me deram os promotores desta manifestação. Na certeza de que a minha emoção seria, como é, neste momento profunda, e para evitar possíveis especulações, não quiz confiar à improvisação o que entendo ser oportuno dizer nesta emergência.

Meus Senhores:

Se o Desporto é, com effeito — e, pelo menos, deve sê-lo — uma Escola de lialdade, de correcção, de solidariedade, de respeito mútuo, de civismo, numa palavra; se o Desporto é, por vezes — bastantes vezes! — uma escola de sacrificios, nós — nós os do «Vitória», nós os vimezanenses — temos dado exuberantes e magnificas provas de que nessa Escola aproveitamos exemplarmente as lições, a ponto de merecer, sem favor, antes com luteira e recta justiça, a classificação de **distintos!**

Outro tanto não poderão afirmar aqueles que porfiam em, maldosamente, insidiosamente, imputar-nos a prática de factos da que são exclusivos autores, transformando-se, assim, por uma curiosa inversão de situações, de arguidos, isto é, de réus, em julgadores!

Lutando contra todos os obstáculos — sonos, enfim, mais uma vez «Campeões»!

E, empregando o dizer rude, mas expressivo, do povo: — ganhou-se o campeonato **limpino!** Não há nada, absolutamente nada, — pese isto embora aos despeitados — que faça tropeçar o «Vitória» na sua gloriosa ascensão, mesmo que haja de «comercializar-se» o grupo dos nossos «estimáveis» vizinhos famalicenses?

A bandeira que aqui flutua há-de sempre flutuar com as honras que lhe são inerentes e cuja obtenção custou um sem número de esforços, de dedicações, de inenarráveis sacrificios, até!

Confiemos, para isso, nos bravos, nos valerosos rapazes do «Vitória»! Confiemos nos seus dirigentes, cuja deligência, tacto e superior conduta em todas as circunstâncias, nunca é de mais pôr em realce.

Rapazes do «Vitória»! O Povo de Guimarães orgulha-se de vós, e a todos, amadores e profissionais, aqui nascidos ou de terras estranhas, a todos vos acarinha e estima, e a todos, pela minha humilde, mas amiga voz, vos incita a que continueis honrando, elevando, dignificando este Club, porque, fazendo-o, a vós próprios vos honrais, vos elevais e vos dignificais. Continuai aproveitando os ensinamentos competentíssimos do «velho» Alberto Augusto! Segui-lhe o exemplo!

Vêde como aquela velhice gloriosa — «velhice» que é ainda ardorosa mocidade — dá surpreendentes lições a nacionais e a «estrangeiros»!... Fazendo-o — tudo fareis **Por Guimarães!** por esta Terra sagrada que deveria merecer o mais acrisolado respeito e a maior veneração por parte de todos os portugueses!

Servireis, assim, a **Causa Desportiva**, causa que todos podemos, na medida dos nossos préstimos, servir, sem mesquinhas preocupações de seitas ou de ideologias.

Cidadãos de Guimarães! Que o vosso entusiasmo não fique por aqui. O bairrismo, o amor ao torrão natal, o amor ao «Vitória», não deve só manifestar-se com vivas. E' necessário mais, é indispensável muito mais. E' necessário, é «indispensável», que o Povo de Guimarães auxilie «eficazmente» — que o mesmo é dizer, não só espiritual, mas também «materialmente» — a obra que de modo tão brilhante vêm levando a cabo os dirigentes e os praticantes do «Vitória». E' uma obrigação indeclinável!

E' necessário também, é também indispensável, que os poderes públicos, representados pelo corpo administrativo local — a **Câmara** — auxiliem, auxiliem esta colectividade, a que Guimarães deve algumas das suas horas mais gloriosas. Se assim acontecer — não lhes faltarão louvores e aplausos!

Senhores: — acompanhai-me todos, com vibração, com entusiasmo, com veemência:

Viva o «Vitória»! Viva o campeão-símbo!  
Vivam os jogadores do «Vitória»!  
Vivam os dirigentes do «Vitória»!  
Viva Guimarães!

Correspondido pela mole imensa que o escutava, novos vivas foram levantados, ouvidos em reboada de estrondo. Serenados os ânimos, fala ainda o digno Presidente da Comissão Administrativa do «Vitória», sr. Amad. da Costa Carvalho, que agradece a apoteose feita ao grupo que representa e tem palavras de louvor para o componente da «equipe» que tam nobre e valorosamente representou Guimarães. As músicas romperam em novos acordes e os «vivas»

ecoaram de novo, enchendo de alvoroço a «Sala de Visitas» da nossa mui vetusta cidade.

O cortejo debandou ao chegar à Parada dos Bombeiros Voluntários.

## Operação cirúrgica

*A bem da humanidade e da decência era preciso, sem haver clemência, cortar, cortar bem rente, tudo o que fosse mau e dissoluto, cortar num só minuto, para a moral seguir sempre na frente.*

*Assim êles, sem batias envergar, começam lentamente a dissociar a golpes de caneta criança que ainda há pouco vira a luz, que suportou a cruz e sem fazer a mínima carêta.*

*Encouraçados na sabedoria só ganha por trabalho dia a dia, e tôda bem notória, padrões imorredouros no futuro, aonde o brilho puro levantará bem alto a nossa História.*

*Tudo seguia menos mal, e então, sentiram dar um baque o coração, surgiram bons ensejos para dar cabo do recém-nascido, pois o grande atrevido já falava em abraços e mais beijos.*

*Então este menino inda de mama já quer correr atrás da velha fama, da infame pagodeira, falar de amor e mais de custureiras com umas tais maneiras, como já conhecendo a borracheira?*

*Oh, não! Da testa enrugada bem as peles, porque assim tal dizer é «baixo e reles», desafuro sem jeito, pois admite-se lá que uma criança em si tenha a lembrança tôrpe e má de apertar alguém ao peito?*

*Convidar tôda a gente p'ra consigo ir para a borga, por só ter abrigo do mal, quem tem amor, como se a vida fôsse só dois dias, prazeres e alegrias? — bem esperto o menino, sim senhor!*

*Os óculos brilhavam falcantes e dois murros bem fortes e sonantes, dois murros bem praxistias, acabemos — gritou — «ólas «Nicolinas», e às capas e batinas imporem as festas «Nicolistas».*

*Ouviram-se com ecos femininos essas palavras filhas dos bons tintos que só presidem nisso, e assim o preceptor que é das pupilas, essas palavras di-las visto que «ninguém tem nada com isso».*

*E estava dito tudo. Os ajudantes ouviram as palavras bem friantes do grande operador, e mesmo a frio, sem anestesia, a caneta seguiu cortando o que encontrava, até o amor.*

*O' custureiras lindas e gentis! como sei bem a dor que vós sentis, como é forte o desejo de formar rijo grupo protestante para que no estudante novamente se possa dar um beijo.*

*E não há nisto falta de decôro, a coisa vai à moda de namôro, com mais uma carêta, e pode o mundo inteiro trambolhar, mas os beijos matar, nem do mundo as esquadras de policia.*

*E sem haver nem dô nem piedade, cometera-se então a atrocidade, grande e forte loucura, de cortar cerce as pernas à criança que só queria dança, e quem sabe? — talvez meter figura.*

*E resolveu-se então que para o ano, embora com trabalho desumano por ruas e vielas, aos meninos se dessem as ensinas para que as «Nicolinas», terminassem com precisão de velas.*

Velhoardido.

## A Caravana Vimezanense que foi a Espanha regressou no penúltimo domingo.

Ao principio da noite do domingo, dia 13, chegaram a Guimarães, de regresso da Espanha, onde foram, como noticiamos, levar os donativos e os viveres oferecidos pela população do concelho, aos nacionalistas do Paiz visinho, os nacionalistas vimezanenses e motoristas, que constituíram a caravana de Guimarães, sendo recebidos por duas bandas de música e por milhares de pessoas que os aclamavam pelas ruas da cidade, enquanto que no ar estrepavam salvas de morteiros e os sinos executavam «A Portuguesa» e o «Hino da Cidade».

Os manifestantes, aclamando, com vivas entusiásticos, os recém-chegados, dirigiram-se à Praça de D. Afonso Henriques, tendo falado de uma das varandas do Hotel do Toural o Sr. Hugo d'Almeida, que proferiu um caloroso discurso.

A' noite naquele hotel realizou-se, segundo noticiaram alguns nossos colegas, um jantar de cerca de 150 talheres que soubemos ter decorrido com muita animação.

Ao mesmo, assistiram também, as autoridades locais, representantes de algumas colectividades e outras pessoas de representação.

— O digno Administrador do Con-

## O NATAL DOS NOSSOS POBREZINHOS

**Dar aos pobres, é emprestar a Deus,** e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana. Contam-se já as dezenas — muitas dezenas! — as almas que se têm abeirado de nós, implorando, humilde e tristemente, para que não as esqueçamos na Ceia Santa do Natal de Jesus!

Migalhas é pão! — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola — pequena embora — para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muitas lágrimas envergonhadas.

Lançamos este nosso apêlo em nome da Caridade, certos de que todos — ricos e remediados — o escutarão.

Nome	Transporte	Total
António José Lopes Correia, Filhos (Pevidém)	1.018\$00	
Joaquim Ribeiro da Silva	50\$00	
L. L.	10\$00	
Joaquim Pereira da Cunha (Tagilde)	10\$00	
José Nunes	10\$00	
Anónimo	5\$00	
Dois Anónimos	10\$00	
Anónimo	20\$00	
Francisco Lorangeiro dos Reis	5\$00	
Caspar Lopes Martins	30\$00	
Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão)	15\$00	
A. S.	10\$00	
Agostinho Martins da Rocha	5\$00	
Eduardo Rodrigues Machado (Lordele)	20\$00	
Dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior (Oliveira do Hospital)	20\$00	
Albano de Sousa Guise (Rio de Janeiro)	500\$00 (a)	
Eugénio & Novais	10\$00	
António Pimenta	20\$00	
A. M. C.	5\$00	
Luís Maria Teixeira, sufragando a alma de seu sobrinho José Teixeira de Faria	5\$00	
Família de Joaquim Martins Guimarães, em sufrágio da sua alma	50\$00	
Jacinto Guimarães (Lisboa)	20\$00 (b)	
Raúl Rocha	5\$00	
Manuel Joaquim Pereira de Carvalho	5\$00	
Joaquim da Silva Xavier	5\$00	
João Formosinho Macias	20\$00	
Anónimo	5\$00	
Aprígio Neves de Castro	5\$00	
D. Maria de Freitas	5\$00	
A. S. M.	5\$00	
Manuel Mendes Oliveira	10\$00	
D. Maria José Mota Prego	10\$00	
(Continua).	Soma	1.933\$00

(a) Este donativo foi-nos enviado, em cheque, e acompanhado pela seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«...Sr. Director do «Notícias de Guimarães» — Guimarães: — Atendendo ao apêlo do vosso conceituado jornal, sempre aberto à generosidade e ao bem, atributo dos que sentindo sentem a dor alheia, venho, com o pequeno óbulo junto, procurar minorar a tristeza dos *Pobrezinhos do Natal* e abrigados pela capa caritativa dos Beneficentes do «Notícias de Guimarães». Consta esta oferta de quinhentos escudos, conforme ordem de pagamento junta, que, não sendo grande, vai ungiada de desejos para uma felicidade extensiva não só aos pobrezinhos como a tôda a «Família» do jornal que superiormente dirige. Obrigad, pois, pela distribuição que fizerdes a vosso contento que será a do que vos deseja Boas Festas — Com consideração e apreço — (a) *Albano de Sousa Guise*»

Agradecemos as palavras amigas que nos são dirigidas e os desejos de boas-festas e desejamos ao bom vimezanense e amigo as maiores felicidades.

(b) Esta importância foi-nos remetida para 4 vítuas, com a obrigação de ouvirem uma missa por alma da querida e saudosa mãe do subscriber, a quem agradecemos as palavras amigas que nos endereça.

Do illustre Administrador do Concelho, Sr. Tenente Artur Lameiras, recebemos também, acompanhados por um amável officio, dez cartões para o Bodo aos Pobres que S. Ex.ª fez distribuir, por intermédio da «Casa dos Pobres».

No próximo número daremos a nota dos pobres contemplados com as importâncias que os nossos leitores se dignaram confiar-nos.

## E. I. du Pont de Nemours & Company

Incorporated

Organic Chemicals Department  
Wilmington, Delaware

Anilinas e Productos Químicos

## Böhme Fettchemie-Gesellschaft

Productos especiais para a Industria Textil e de Cortumes

## CHEMNITZ

Agentes Exclusivos para Portugal  
ROST & JANUS, SUCRS.

SECÇÃO DE

ANILINAS E PRODUCTOS QUIMICOS

TELEFONE 437

RUA PASSOS MANOEL, 70-1.º

PORTO

celho Sr. Tenente Artur Lameiras, fez o seguinte apêlo à população: «Sabendo-se em várias localidades de recolher donativos destinados aos feridos nacionalistas espanhóis, pede-se que não desanimem da sua louvável iniciativa e que os mesmos donativos sejam convertidos em medica-

mentos, nomeadamente, alcohol, éter, clorofórmio, algodão, ou em dinheiro para a sua aquisição, ficando à guarda das mesmas comissões, do que informarão a Administração do Concelho que enviará os seus esforços no sentido a remessa ser feita em conjunto e, quando para isso, houver ordem superior».



# DESPORTO

## Campeonato Distrital

### Calendário de Jogos:

**Domingo, 13**

Em Braga:  
 Vitória S. Club empata com Sporting de Braga por . . . 1-1  
 Em Fafe:  
 Sporting de Fafe vence o F. C. de Fafe por . . . 3-2  
 Em Famalicão:  
 F. C. de Famalicão e Comercial de Braga realizam um jogo que não foi homologado pela A. F. B.

**Domingo, 20**

Em Guimarães:  
 Vitória S. C. vence o Comercial de Braga por . . . 9-0  
 Em Braga:  
 Sporting de Braga vence o F. C. de Fafe por . . . 11-1  
 Em Fafe:  
 Sporting de Fafe vence o F. C. de Famalicão por . . . 5-0

### Classificação

Equipe	Pontos
Vitória S. C.	29
Sporting de Braga	27
Sporting de Fafe	21
F. C. de Fafe	18
Comercial de Braga	11
F. C. de Famalicão	10

### Vitória, I. Sporting de Braga, I

(Ao intervalo 0-0)

A deslocação do «Vitória» a Braga — Inteligência e nervosismo — O trabalho do sr. Carlos Canuto — Grandiosa recepção a Alberto Augusto e aos seus companheiros de «equipe» — Considerações à margem — Garantia de um título glorioso.

Para o penúltimo jogo do Campeonato Distrital, deslocou-se a Braga, no domingo, treze, o «team» de Honra do «Vitória» desta cidade para enfrentar o seu mais directo rival — «Sporting de Braga».

Jogo de grande emoção e feito por 2 grupos de categoria, não alcançado, contudo, o brilhantismo da partida que nos foi dado presenciar em Guimarães, no decorrer da 1.ª Volta, certamente prejudicado e empanado pela inofensiva ânsia de querer a obtenção de um resultado eficiente ou pela falta de aconchego do meio ambiente que costuma influir de sobremaneira em competições desta natureza.

A primeira parte decorreu normalmente, sem vantagens territoriais, e até um nadinha falha de velocidade. «Vitória» e «Sporting» procuraram a balisa, tiveram algumas descidas perigosas, mas sem finalidade, pois as respectivas defesas mostraram-se atentas e conseguiram inutilizar os mais potentes remates.

Ao fim deste «half-time» verificou-se um empate sem bolas.

No segundo tempo, o «Sporting» levou vantagem e pôde revigorar-se em energia e mobilidade. Desorientou-se, porém, ao sentir o toque da bola sofrida aos 3 minutos por intermédio de Virgílio, e foi impellido para o caminho das violências que nem à categoria de dureza devem ser levadas. Aos 18 minutos, os «rubros-brancos» conseguiram o empate por intermédio de Muchacho que passou de médio-centro para o lugar de avançado-centro, pelo que cresceram e se atiraram decididamente para o ataque. Alberto Augusto, capitão do «team» vimezanense, fez recuar o seu grupo para a defesa ao constatar a impossibilidade do ataque pela falta do seu extremo-direito, Laureta, que safou do campo seriamente molestado, e assim procurou manter o resultado até final da partida.

Hemos de destacar a inteligência com que o grupo vimezanense se houve no decorrer do jogo. Defendendo-se com prudência e serenidade, agüentou o ímpeto e a violência do adversário, com tam notória galhar-

dia, que este viu baldado todos os seus esforços para marcar.

Por sua vez, o grupo bracarense perdeu o ensejo de um resultado mais compensador ao enveredar por domínios... estranhos ao «association» do «foot-ball».

Permitiu o comando dos nervos e espapou-se na desilusão — totalmente negado o valor técnico de que se fazia alarde.

O sr. Carlos Canuto, de Lisboa, fez um trabalho a contento de toda a gente. Impôs a sua personalidade dentro do rectângulo e conseguiu ser indulgente para alguns dos «players» bracarenses, quando é certo que lhe sobejaram razões para usar do maior rigor na aplicação de castigos, podendo ter ido até à expulsão de 2 homens do grupo visitado. Alguém disse, e muito bem, que este encontro não era tarefa fácil para um árbitro — razão bastante para aceitarmos como boas as suas decisões.

No seu regresso a Guimarães, a valorosa «equipe» do «Vitória» foi recebida apoteoticamente pela população cittadina. Milhares e milhares de pessoas saudaram com inigualável entusiasmo os componentes do nosso «team» de Honra, tendo-se organizado um extenso cortejo de automóveis que os foram aguardar às Taipas.

Alberto Augusto e Amadeu da Costa Carvalho foram levados em triunfo, estrealando no ar foguetes e ouvindo-se os acordes do Hino da Cidade tocado pelas Bandas dos Bombeiros Voluntários e do Pevídém. Na sede do «Vitória» o antigo Presidente daquela agremiação, sr. dr. José Pinto Rodrigues, com palavras calorosas e entusiásticas saudou os representantes das cores vimezanenses pelo seu novo triunfo, destacando a pessoa de Alberto Augusto, como competente e dedicado treinador. As manifestações prosseguiram, pela noite dentro, com grande regosio e franca exaltação. No «Restaurant Teixeira Mendes» foi oferecido aos jogadores um jantar íntimo a que assistiram vários directores do «Vitória».

Da «equipe» vimezanense cumprenos destacar o trio defensivo que actuou de molde a impôr-se: Adélio, Alberto Augusto e João Rodrigues foram os melhores homens em campo. Na linha de «halfs» salientaremos Zeferrino e Lima. José Maria não esteve à altura da sua personalidade, o que obrigou Miranda a jogar recuado. A linha dianteira não manifestou o en-

tendimento que estamos habituados a ver.

No «team» bracarense só Muchacho a «half-centro» e Miranda a «guarda-redes», merecem a honra de uma referência especial. O primeiro, sendo de Braga, foi de longe o melhor dos lisboetas e um famalicense que são os componentes da «equipe». Os restantes não revelaram qualidades superiores, pois as violências cometidas impossibilitou-os de mostrarem tal valor.

Com este empate, e porque a tarefa com o «Comercial» será fácil, o «Vitória» conseguiu a garantia do título de Campeão do Distrito de Braga — honra que se reflecte com radiação fulgurante no nome da cidade de Guimarães.

14-12-936.

### A final do Campeonato Distrital

O «Comercial de Braga» em Guimarães — Uma retumbante vitória do grupo local — Arbitragem fácil — Diferença de processos — Enfim, Campeão de Braga!

Para a final do Campeonato Distrital, deslocou-se no passado domingo a esta cidade, o «Comercial de Braga» — um dos mais fracos clubs alinhados para esta grande competição futebolística.

Grande enchente de público e maior entusiasmo.

A hora regulamentar, os dois contendores fizeram a sua aparição no rectângulo, sendo ambos saudados com palmas. Iniciada a partida, sob o comando do sr. Horácio Cunha, do Colégio Bracarense, logo o «Vitória» se lançou decididamente ao ataque, «engarrafando» o seu adversário para que as veleidades não surgissem. Primeiro Zeferrino e, depois, Clemente e Miranda abriram o «score» marcando o 1.º, 2.º e 3.º, e o 4.º «goals».

Este meio tempo foi jogado com toada excelente por parte dos alvi-negros que, sem cometer os barbarismos de que foram alvos em Braga, no jogo da primeira volta, realizado com o mesmo agrupamento, souberam impôr a sua distância da classe e a sua valiosa técnica. Aos visitantes, balejou-os a sorte, pelo que deviam ter sofrido maior número de bolas e mais acentuada humilhação de grupo vencido.

Na segunda parte, o jogo não se modificou e o grupo visitante sofreu um «penalty» logo de começo, que Adélio transformou com um bom pontapé. Seguiu-se-lhe depois Clemente a marcar o 6.º e 7.º «goals», quando um novo «penalty» surgiu e que, marcado de novo por Adélio, deu ao grupo vimezanense o oitavo ponto. Por fim Virgílio num « tiro » segado entra a contar o nono «goal» no meio do entusiasmo da multidão delirante, paralisando assim a subida do marcador. O apito do árbitro pôi termo ao jogo que termina com grandes ovações e entusiásticos vivas ao «Vitória».

Representou uma grande lição de desportivismo a dada pelo agrupamento vimezanense ao seu antagonista. Na verdade, só merece aplausos quem tam bem soube — e até com requintes de esmerada delicadeza — «desferrar-se» da rudeza de um jogo a todos os títulos memorável, não se valendo de processos que em nada dignificam os desportistas portugueses.

Grande lição e exemplo frutificante!

O sr. Horácio Cunha não teve dificuldades. O «Vitória» mostrou-se à altura do seu valor e facilitou-lhe o trabalho de modo pouco vulgar. Nem «révanche», nem atritos.

Com o desafio de domingo, o mui galhardo e valoroso «Vitória» de Guimarães conquistou o título de Campeão de Braga, honra merecida para aqueles que bem dignamente representaram as cores vimezanenses e, muito especialmente, para o velho internacional sr. Alberto Augusto, que foi o orientador capaz de conduzir o «team» de Honra do nosso grupo à categoria de que gosa, não só pelo seu aturado esforço mas também pelos belos ensinamentos que difundiu, dando lições a nacionais e estrangeiros.

Para ele, para os seus simpáticos companheiros de «equipe» e para a ilustre Comissão Administrativa do Club, com as nossas efusivas saudações os mais sinceros votos de prosperidade.

Urrah pelo Vitória!  
 Urrah por Guimarães!

L. Coelho.



O «team» de Honra do VITÓRIA que tão brilhantemente conquistou o título de Campeão do Distrito de Braga, vendo-se à esquerda o velho «internacional» Alberto Augusto, capitão da equipe.

### BOLETIM ELEGANTE

Visconde de Cortegaça — Encontra-se na Quinta de Baixo, Vilar de Andorinho, o ilustre Visconde de Cortegaça.

Doentes — P.º Alberto Gonçalves — Em Lisboa, onde vive, tem passado, ultimamente, muito incomodado, este distinto sacerdote e publicista e nosso querido colaborador.

Altissimo Gonçalves — Também esteve doente mas já se encontra melhor, este nosso distinto colaborador e mimoso Poeta.

Desejamos o completo restabelecimento daqueles nossos amigos.

Aniversários natalícios — Fizeram

anos: no dia 20 o nosso amigo sr. Luís Cândido Lopes e no dia 23 os também nossos amigos srs.: António de Freitas Ribeiro e João A. da Silva Guimarães. Os nossos cumprimentos.

Pedido de casamento — Pela ex.ª sr.ª D. Maria Eduarda de Freitas foi há dias pedida em casamento para seu irmão, o sr. Eduardo José de Freitas, filho do nosso amigo sr. José Ribeiro de Freitas e de sua esposa a ex.ª sr.ª D. Delfina Amália de Freitas, a ex.ª sr.ª D. Silvana de Lemos Mesquita.

O enlace deve realizar-se brevemente.

Nascimento — Teve há dias a sua «delivrance» dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso prezado amigo, sr. Francisco

Ribeiro de Castro, proprietário da Casa das Novidades. Parabéns.

Diversas — A gôso de férias e a passar as festas com suas famílias, já se encontram entre nós as ex.ªs sr.ªs Dr.ª Angélica Pizarro d'Almeida e Maria José Moura Machado e os srs.: Dr. Raúl Alves da Cunha, dr. José Maria de Moura Machado, dr. Serafim Ferreira d'Oliveira, Alcindo Ferreira Martins, Francisco Pedro de Jesus Fraga, António André Guimarães, António Salgado e Custódio Vila Nova.

Também tem estado entre nós o sr. dr. Gabriel Teixeira de Faria. Foi passar as festas de Natal a Fermil de Basto o sr. António de Sousa Lima, ilustre 2.º Comandante dos B. V.

De visita a seu filho o sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, tem estado em Guimarães o sr. Frederico António Alpoim da Silva Menezes, digno Chefe da Conservação das Estradas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo, sr. Luís da Oliveira Barros, conceituado comerciante no Porto, que nos apresentou os seus cumprimentos de Boas-Festas, o que agradecemos.

## DA CIDADE

Deliberação — A Mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, desta cidade, em sessão extraordinária de 21 do corrente, por proposta do seu Tesoureiro, sr. Francisco Pereira da Silva Quintas, aprovou por unanimidade, a admissão de seu irmão gracioso o ex.º sr. Tenente Artur da Silva Lameiras, integérrimo Administrador d'este Concelho, pelos seus aturados esforços e importantes serviços na investigação e descoberta dos autores do corte e venda de pinheiros na propriedade rústica da mesma Ordem, na freguesia de Santo Tirso de Praziens.

### V. Ex.º

Encontra um bom sortido de artigos de bordar, nacionais, e estrangeiros DMC, agulhas para trabalhar em lã; Onduladores e Frisadores para o cabelo, tesouras para costura e bordar, na Camisaria Martins, a Casa das Meias. (215)

Allo de Santa Estefânia — No Salão deste importante estabelecimento de beneficência, encontram-se expostos desde hoje até ao dia 6 de Janeiro, das 10 às 12 e das 14 às 16 horas, os trabalhos confeccionados pelas internadas.

Protecção à Pobreza — O importante industrial e nosso bom amigo, sr. Alberto Pimenta Machado, fez distribuir, por motivo da festa do Natal, avultados donativos em dinheiro, géneros e agasalhos, às seguintes instituições: Casa dos Pobres, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Creche da V. O. T. de S. Francisco, Asilo de Santa Estefânia, Oficinas de S. José, Entrevados de S. Domingos e do Campo da Feira, Conferência de S. Vicente de Paulo (homens e senhoras) e Comissão da Ceia dos Pobres de S. Crispim. E' digno de registo o gesto do sr. Alberto Pimenta Machado, que mais uma vez mostrou o seu amor à pobreza.

### A 7500 III

Sapatos de agasalho para senhora e homem. O maior sortido em calçado de agasalho, para senhora, homem e criança. O mais barato só na Camisaria Martins a Casa das Meias. (213)

Um apêlo — João Antunes, casado, morador na rua das Lameiras, encontrando-se impossibilitado de trabalhar em virtude de um ataque de paralisia, vem pedir às boas almas caridosas que o auxiliem com uma pequena esmola.

Benemerência — Dois Vimezanenses — Dois amigos dos Pobres — Albano de Sousa Guise mais uma vez se lembrou dos pobres da sua Terra, mandando, além da importância para os prote-

gidos do nosso jornal, a que noutra lugar fazemos referência, a quantia de 500\$00 para a Ceia de Consoada no Albergue de S. Crispim.

Mais um gesto do grande benemérito que merece ser exaltado nas nossas colunas, pois ele traduz perfeitamente, o sentir da sua alma de vimezanense dedicado, que sabe amparar os pobresinhos do seu Lar Natal.

Nicolau Cardoso Guimarães, filho, também, da nossa Terra, mandou celebrar, há dias, na igreja da Oliveira e a exemplo dos anos anteriores, duas missas por alma de seus pais. Findo o acto e por ordem do Benemérito conterrâneo nosso foram contemplados 100 pobres com a quantia de 1.000\$00.

Louvores merece o grande amigo dos pobres que, lembrando e sufragando a alma de seus saudosos pais, não deixa, de há muitos anos a esta parte, de mandar distribuir pelos desafortunados avultadas quantias.

Que a sorte nunca os desampare, dizem, em unisono, centenas de bocas e nós também.

Licença de porta aberta — Tendo terminado o prazo no dia 10 d'este mês para se requererem as licenças de porta aberta e faltando ainda muitas por requerer, avisam-se os proprietários das mesmas de que devem solicitá-las o mais breve possível, a fim de evitar as sanções.

Liga dos C. da G. Guerra — Informa-nos a sub-agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que foi de esc. 445\$00 a verba dispendida durante o mês de Novembro, sob a rubrica «Assistência a ex-combatentes necessitados».

### Sindicato dos Op. da Indústria Têxtil

Pede-nos a sua Direcção para darmos que em reunião efectuada em 21 do corrente, foi deliberado ofertar a todos os Associados em pleno gozo dos seus direitos que se encontrem na situação de desempregados, uma consoada para festejar com mais alegria nos seus lares a Tradicional Festa do Natal pelo que se pede a comparência dos interessados, com a maior urgência, na sua Sede, à Rua da Liberdade.

Mais nos pede a referida Direcção para que todos aqueles que porventura venham a ter conhecimento desta deliberação demasiadamente tarde, o favor de comparecer nos últimos dias do mês corrente, festejando, assim, a festa do Ano Bom.

A DIRECÇÃO.

### Agradecimento

Clemente Rezende, sua esposa e filhos, impossibilitados pela sua grande mágoa de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhes apresentaram os sentimentos e os acompanharam no seu pesar por motivo do falecimento do seu querido filho e irmão, Artur Rezende, vem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária e manifestando a todos o seu profundo reconhecimento. (236)

### VENDE-SE

Em Santa Eufémia, próximo das Taipas, com estrada, uma linda propriedade, vedada, com bons campos de cultura, com água e mato, produzindo bom vinho, frutas e milho. Tratar com o solicitador Augusto Silva. (238)

### ACHOU-SE

Achou-se uma certa importância, que se entrega a quem provar pertencer-lhe, pagando a despesa do anúncio. Informa-se na Tipografia Dantas. (237)

António Martins Gonçalves — Infias. (239)

### CARTEIRA com documentos PERDEU-SE

Perdeu-se uma carteira com documentos e gratificação-se quem a entregar na nossa redacção. (233)

# O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

TELES & C.ª, L.ª DR

75, R. de Sá da Bandeira, 91

PORTO

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques

Guimarães

# FÁBRICA TÊXTIL DE VIZELA, LIMITADA

## Fábrica de Fiação e Tecidos Especializada em fios finos mercerizados e de 2.º



Fiações: de desperdício, média e fina.

Mercerização e gazeamento.

# VIZELA

### Canção do "Laranjeiro,"

"Os portugueses vendedores de laranjas, ou melhor — os "laranjeiros," — constituem, de facto, pela sua totalidade e pitoresco, um forte grupo de trabalhadores nas terras férteis e viciosas de Santa Cruz.

Vêmo-los passar, desde manhã à tarde, a todas as horas do dia, ao Sol e à chuva, velhos e novos, uns rosados e frescos, outros macilentos e morenos, puzando típicas carroças ou carregando grandes cestos, cheios de deliciosas laranjas, e lá seguem num caminho sem fim, quasi errantes, ora apressados, ora vagarosos, a cantar, apregoando e vendendo, andando sempre, ao som de um pregão original, suave e ritmico, melódico e cadencioso, e inconfundível, que nos provoca saudades, sinceras saudades da nossa longínqua e grandiosa Pátria:

— Olha a laranja seleta!  
— Quem não os tem visto, assim, por essas ruas fora? ...

Cêdo ainda. E logo vem Do peito dum luso atleta Uma voz que nos faz bem, Tal a harmonia que tem: — Olha a laranja seleta!

Laranjeiro rua fora, Enorme cesto acarreta, Com fruta que nos namora, A transbordar, tentadora... — Olha a laranja seleta!

Sol ardente, abrasador! A insolação nos afecta. O incansável vendedor Parece mesmo um cantor: — Olha a laranja seleta!

Rua a rua, lá vai êle Na sua marcha directa, Queimado, tostada a pele Da vida dura e cruel: — Olha a laranja seleta!

Chovendo, também se escuta A toada predilecta... Até um velhinho luta, Passa a vender áurea fruta: — Olha a laranja seleta!

Rua abaixo, vai descendo... Vai andando... vai vendendo... Numa missão inquieta; Vai cantando, oferecendo: — Olha a laranja seleta!

Surge um môço, mais acima, Com a carroça repleta De laranjas até cima, Soltando a voz que o anima: — Olha a laranja seleta!

Girando vai a carroça, De côr verde ou violeta... E a cantar não há quem possa Imitá-lo, nem por troça: — Olha a laranja seleta!

Se a fruta é doce e é fina, Mais melodiosa e correcta A voz nos prende e domina, Sentimental, cristalina... — Olha a laranja seleta!

Pôr do Sol. Vem do clarão Uma saúde secreta... Suave, ao longe, um pregão Mais nos fala ao coração: — Olha a laranja seleta!

Num trinar à portuguesa, Todo místico de asceta, Um vendedor — que surpresa! — Faz da canção uma reza: — Olha a laranja seleta!

Lindo pregão como sôa! Laranjeiro, meu Poeta, Canta, canta e apregôa A fruta dourada e bôa: — Olha a laranja seleta!

A tua voz nos encanta, Nos alivia, grilheta! Abre bem essa garganta, Canta «laranjeiro», canta: — Olha a laranja seleta!

Rio de Janeiro.

Leão Martins.

### Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarães — TELEFONE 172

### FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Joaquim Martins Guimarães

Faleceu no passado dia 17, na sua residência à rua Dr. José Sampaio, após prolongados sofrimentos e contando 78 anos de idade, o Sr. Joaquim Martins Guimarães, antigo e honrado cartorário da V. O. T. de S. Francisco, que mereceu das suas belas qualidades de carácter, trabalho e inteligência, soube conquistar muitas simpatias no nosso meio, tendo a sua morte consternado. O extinto deixa viúva a Sr.ª D. Custódia Faria Martins e era pai dos nossos bons amigos srs.: António Faria Martins, conceituado industrial no Pevidém, Joaquim Faria Martins, auzente no Brasil, Dr. João Faria Martins, integérrimo Delegado do Procurador da República em Moçambique, Alfredo Faria Martins e Bernardino Faria Martins, comerciantes no Congo Belga e José Faria Martins, empregado superior da Casa Alberto Pimenta Machado, e das esposas dos Srs.: António J. Gomes Cerqueira e Eugénio Leite Bastos.

O seu funeral realizou-se na sexta-feira, dia 18, às 11 horas da manhã na igreja da V. O. T. de S. Francisco, perante numerosa e selecta assistência entre a qual se viam muitas pessoas desta cidade, de Braga, do Pevidém e de outras localidades — advogados, médicos, oficiais do exército, proprietários, industriais, capitalistas, comerciantes, professores, clérigos, funcionários públicos, etc. etc. e as mesas da V. O. T. de S. Francisco e da Irmandade dos Santos Passos, a direcção e jogadores do «Vitória Sport Club», representantes de outras corporações civis e religiosas, instituições de beneficência, etc. etc.

O cadáver achava-se encerrado num feretro de veludo e pousado sobre uma elegante eça, cobrindo-o muitos «bouquets» de flores. Presidiu aos officios e celebrou

a missa do corpo presente o rev.º Gaspar Nunes, acolitado pelo rev.º António Teixeira de Carvalho e Domingos Costa.

Findos os responsos foi a urna conduzida até ao auto-funérario pelos filhos e genros do extinto srs.: António Faria Martins e José Faria Martins, e António J. Gomes Cerqueira e Eugénio Leite Basto, e trasladado com um numeroso acompanhamento de automóveis, para o Cemitério Municipal.

A toda a família enlutada e especialmente à viúva e filhos do saudoso extinto, apresenta o «Notícias de Guimarães» as suas mais sentidas condolências.

— Em sinal de luto pelo falecimento do Sr. Joaquim Martins Guimarães, estiveram colocadas a meia haste as bandeiras da V. O. T. de S. Francisco e do V. S. C.

D. Aurélla Emilia dos Santos

Em avançada idade finou-se há dias, a sr.ª D. Aurélla Emilia dos Santos, irmã do nosso amigo sr. José Teixeira dos Santos, digno cartorário da V. O. T. de S. Domingos. O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se na quinta-feira, dia 17, na capela da V. O. T. de S. Domingos com a assistência de muitas pessoas das relações da família e dos representantes de diversas corporações religiosas da cidade, instituições de beneficência, etc.

Findos os responsos foi o cadáver trasladado em auto-funérario e com numeroso acompanhamento para o cemitério d'Atouguia. A família enlutada e especialmente ao sr. José Teixeira dos Santos, apresentamos as nossas condolências.

D. Ana do Couto

Também faleceu a sr.ª D. Ana do Couto, mãe do industrial sr. José Maria de Campos e da esposa do nosso amigo sr. Joaquim Guise, digno regente da Banda dos B. Voluntários, e avó do também nosso amigo sr. António Guise, distinto violonista e da esposa do nosso amigo sr. Luiz Gonzaga F. de Carvalho, conceituado comerciante. O seu funeral teve lugar no dia 16 na capela da V. O. T. de S. Domingos e foi muito concorrido. O cadáver foi em seguida trasladado com o acompanhamento de numerosas pessoas, para o Cemitério Municipal.

A toda a família enlutada e especialmente ao genro e netos da extinta apresentamos os nossos pezaumes.

José Joaquim Vieira de Castro

Contando 63 anos de idade, faleceu, na sexta-feira passada, o antigo comerciante vimaranense, sr. José Joaquim Vieira de Castro, pai dos nossos amigos, srs. Dr. Isaias Vieira de Castro, ilustre clínico, José Vieira de Castro, residente em Angola, e Adalberto Vieira de Castro, funcionário dos Correios e Telegrafos.

O extinto encontrava-se doente há bastante tempo e era muito estimado do nosso meio pelas qualidades de que era possuidor. O seu funeral que foi largamente

concorrido por pessoas de tôdas as categorias sociais, realizou-se, na passada segunda-feira, de manhã, na igreja da V. O. T. de S. Francisco, de onde o cadáver foi trasladado, com o acompanhamento de muitos automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família, para o cemitério municipal.

A família enlutada e especialmente aos filhos do extinto, apresentamos condolências.

D. Maria Fernanda de Oliveira

Faleceu, também, em avançada idade, a sr.ª D. Maria Fernanda de Oliveira, mãe dos srs. Jacinto, Raúl, José e Joaquim Pereira Pantaleão e avó da esposa do abastado proprietário e nosso prezado amigo, sr. Alberto Maria Leite, a quem, bem como à restante família dorida, apresentamos condolências.

O seu funeral que foi bastante concorrido, realizou-se no domingo, na capela da V. O. T. de S. Francisco.

D. Adelaide Ribeiro Gonçalves

Na Casa do Fundo, em S. João de Ponte, faleceu a sr.ª D. Adelaide Ribeiro Gonçalves, esposa do sr. António Ribeiro de Abreu, da Casa do Celeiro, de Silves. O seu funeral realizou-se na terça-feira, com numerosa assistência, naquela freguesia. A família enlutada, os nossos pèzames.

Faleceram, também, em avançada idade, o antigo metalúrgico sr. Rafael Ferreira e o popular «Arranjinho», antigo sineiro.

### DE LUTO

Pelo falecimento de um seu tio, ocorrido no Pôrto, encontram-se de luto os nossos bons amigos srs. Alberto Pimenta Machado e António Pimenta Machado, conceituados industriais nesta cidade e Luis Gonzaga Pimenta Machado, proprietário em Roriz, aos quais apresentamos condolências.

Também se encontra de luto, pelo falecimento, no Pôrto, de seu tio-afim, sr. Torcato Ribeiro de Faria, nosso conterrâneo e antigo ourives nesta cidade, o nosso prezado amigo, sr. José Pinheiro. O nosso cartão de cumprimentos.

Pelo falecimento de um seu irmão, ocorrido em Monsul, Póvoa de Lanhoso, encontram-se de luto os srs. Monsenhor José Maria da Silva e P.º Anselmo ds Conceição e Silva, aos quais apresentamos as nossas condolências.

Também se encontra de luto, pelo falecimento da mãe de sua esposa, o nosso amigo sr. Rafael Ferreira de Carvalho, activo empregado da Cooperativa «A Económica Vimaranense», a quem, bem como à restante família dorida, apresentamos os nossos pèzames.

Pelo falecimento de uma sua irmã, ocorrido há dias em Cantanhede, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conceituado comerciante, sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

## Sociedade Norténia, L.ª

Praça Carlos Alberto, 110-1.º

Telef. 6414

PORTO

### Compra, vende e hipoteca Propriedades.

Sub-agentes:

(155)

Gomes Alves, Matos & C.ª  
Toural -- GUIMARÃIS -- Telef. 133

QUEM desejar

Vestir bem

(194)

ou

encontrar modicidade de preços,

só

na ALFAIATARIA com fazendas

de RIBEIRO, FILHO

(Ao Largo João Franco)

onde os seus Ex.ªs Fregueses e amigos poderão encontrar um enorme sortido de camimiras para a Estação de Inverno.

Padrões de grande novidade. Os menores preços.

João Serafim da Silva Ribeiro

Passa no próximo dia 27 o 2.º aniversário do falecimento do nosso sgdoso camarada e amigo, sr. João Serafim da Silva Ribeiro, por alma de quem, a família, manda celebrar uma missa, na próxima segunda-feira, 28, às 9 horas da manhã, na capela de S. Domingos.

Luis Ribeiro Pousada

Foi bastante concorrida a missa que a viúva do desventurado gerente da Filial do Banco Nacional Ultramarino mandou celebrar, no passado dia 15, comemorando mais um aniversário do seu assassinato.

Solenes Exéquias no Porto

Celebraram-se há dias, no Porto, Solenes Exéquias promovidas pela Companhia Funerária e Decorativa Portuense, em sufrágio das almas do Purgatório e em especial das pessoas falecidas, cujos funerais estiveram a cargo da mesma Companhia. Trata-se de um acto piedoso e altamente significativo que a Companhia Funerária todos os anos promove no mez de Novembro, por ser a quadra do ano por excelência dedicada pela Igreja e pelos católicos em sufrágio

das almas. Como todos os anos vem acontecendo, essas Exéquias, realizadas na vasta capela das Almas de Santa Catarina, assumiram grande concorrência e solenidade e constituíram uma nota de notório rellêvo na vida religiosa da cidade do Porto. A missa solene de «Requiem» começou ás dez horas, finda a qual subiu ao púlpito o talentoso orador sagrado e escritor, Rev.º P.º Guilherme de Oliveira, abade de Folgosa da Maia, que, prégando já pela segunda vez nas Exéquias, proferiu um sermão comovente, magistral e cheio de ensinamentos para bem viver e morrer, pondo em rellêvo a necessidade e o mérito dos sufrágios pelas almas e apresentando o nobre gesto da Companhia Funerária como um alto exemplo, digno de aplauso e louvor. Por último entoaram-se os officios fúnebres, sempre perante a multidão. O templo estava revestido de pesados e valiosos crepes. Durante o dia centenas de pessoas afluíram à sede da Companhia promotora, apresentando cumprimentos e agradecimentos.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

## A Lutuosa de Portugal

(Associação de Socorros Mútuos)  
FUNDADA em 1 de Julho de 1927

Sede e propriedade  
Avenida das Nações Aliadas, 168  
PORTO

Telefone 5135

Admite associados de ambos os sexos desde os 16 aos 45 anos de idade

Concede subsídios únicos de

5-10-15-20-25 ou 30 contos

pagáveis às famílias ou beneficiários dos associados

População associativa . . . . .	13.421	Sócios
Fundos capitalizados . . . . .	12.158	contos
Subsídios pagos . . . . .	22.227	

Cotização mensal acessível a todas as bôlsas e em relação à idade e ao subsídio em que se inscrevam

Peçam propostas para inscrição de novos associados

Sócio-correspondente em Guimarães:

António da Silva-Rua de S. Dâmaso, 89

### Vende-se

Vende-se a quinta d'Assubida, freguesia de Santa Eufémia de Prazins, concelho de Guimarães, com casa de viver e água de rega.

Falar na Praça do Mercado da Póvoa de Varzim, no talho de carnes verdes Entrecampos de José Gonçalves Giesteira. (130)

### Mercearia

Passa-se em boas condições por motivo de ausência, bem situada e aluguer barato.

Falar nesta Redacção. (228)

ALUGA-SE o prédio onde esteve instalada a «Pensão Arcádia» — Largo 28 de Maio.

Falar com o seu proprietário

José Pinheiro Guimarães morador no dito Largo, N.º 21 (221)

### ANÚNCIO

Aos proprietários e capitalistas!

Precisa comprar ou vender prédios? Deseja colocar dinheiro sobre 1.ª hipoteca? Quer dinheiro, por hipoteca, ao juro da lei?

Dirija-se à «Agência do proprietário» de

Faria & Freitas

Largo da República do Brazil, 27

(204) GUIMARÃIS

Maria Celeste Macedo

Parleira e Enfermeira Visitadora de Higiene (231)

Rua do Conde D. Henrique, 22

Minhas Senhoras

V. Ex.ªs encontram um bom sortido de malinhas modernas, últimos modelos para senhora e criança, a preços baratíssimos, desde 5\$00!! Guardachuvas de seda e algodão, os mais modernos, só na Camisaria Martins, a Casa das Meias. (185)



## A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(216)

Praça D. Afonso Henriques, 70

## RESTAURANTE COSTA

Alfredo da Costa e Silva Guimarães

P E N H A — TELEFONE, 114 — GUIMARÃIS

Almoços Jantares

Serviço à lista Preços módicos (229)

ESPECIALIDADE EM VINHOS DA REGIÃO

# GUILHERME MACHADO & C.<sup>ª</sup>

IMPORTADORES DE CARVÕES ESPECIAIS PARA  
CALDEIRA, FORJA, COZINHA E AQUECIMENTO.



TELEGRAMAS — GUIDO - PORTO  
TELEFONE — 1823

Rua da Nova Alfândega, 108 -- PORTO

# JOSÉ DE MELO & C.<sup>ª</sup>

Despachos de Exportação --  
-- Importação e cabotagem  
R. Nova da Alfândega, 67  
— PORTO —

-- Casa fundada em 1828  
Telefone: Escritório e Secção  
na Alfândega 73 e Estado 57  
x x x x x x x x x x

Despachantes, Agentes Marítimos e Internacionais  
Agentes e Comissários de Fabricantes - - - - -  
- - - - - e Negociantes Estrangeiros e Nacionais

# COMPANHIA GERAL DE COMBUSTÍVEIS

S. R. A. L.

SÉDE EM LISBOA: FILIAL NO PORTO:

Avenida 24 de Julho, 1-2.º Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º  
Telefones 2 2361, 2 2362 e 2 2363 Telefones 2682 e 2683 P. B. X.  
Endereço teleg.: COALS Endereço teleg.: COALS

Representante directa das firmas:

Powell Duffryn Associated Collieries, Ltd.  
Gueret, Llewellyn & Merrett, Ltd.  
e Companhias Associadas

controlando uma exportação anual de 10.000.000 de toneladas de carvão.

Carvões das melhores Minas de Cardiff e Newcastle,  
apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas.

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos Clientes.

# Vidal & Vidal

Sucessores

Grácio, Esteves & Pinto, S.<sup>ª</sup>



Agência de Despachos, Mudanças e Transportes  
em LISBOA e para todos os pontos do Paiz

## DESPACHOS NAS ALFANDEGAS

Expedição e reexpedição de  
mercadorias pela Via Marítima.

Séde: 9, Rua da Vitória, 11

Telef. 2 4788

LISBOA

# HORÁCIO PONTES

Oleos para tinturaria

Sulphuricinato



Sulphunol



Forminol

Os melhores para obter um bom tinte ou branquição

RUA PARTICULAR DE MONSANTO, N.º 34 :::: PORTO :::: Telefone 6124

Agente em GUIMARÃIS:

Damião de Sousa Oliveira



MAQUINAS

PARA:  
FIAÇÃO  
TECELAGEM  
TINTURARIA  
ESTAMPARIA  
ACABAMENTOS  
ETC.

ACESSÓRIOS

AQUECEDORES THERMOLIER  
MOTORES A OLEO RUSTON



HARKER, SUMNER & C.<sup>ª</sup>

223, RUA JOSÉ FALCÃO  
PORTO

14, L. CORPO SANTO, 18  
LISBOA

# Fábrica de Roldes

Caneiros--Guimarães

Telef. 99

Especialidade



em

Pelarias finas



# FABRICA MANUFATORA DE CALÇADO LUSO

DE

João da Silva Brogueira

R. Passos Manuel, 219

— PORTO —

V. Ex.<sup>ª</sup> encontra um completo sortido de calçado desta afamada marca na

Sapataria LUSO  
GUIMARÃIS

O mais útil presente do Natal  
Preços sem competência.  
Elegância, bom gosto e solidez.

## Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

# Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Casa Fundada em 1885 (50 anos)

Rua do Bomjardim, 437-A

Telegramas: DORATO

Telefones 1313 e 1668

PORTO

Para Fiar — Tecer — Tingir — Acabar

Para tudo o que diz respeito à Indústria Têxtil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários!

Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Têxtil, visite a Exposição permanente desta casa e verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Têxtil dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 Exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Industrial Portuguesa de 1932 e Colonial de 1934 foram-nos conferidas 2 medalhas de ouro em cada.



Colonial de 1934 foram-nos conferidas 2 medalhas de ouro em cada.

Agente em Guimarães

**DAMIÃO DE SOUSA OLIVEIRA**

## Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.<sup>da</sup>

PORTO

Fabrica em Portugal os melhores e mais finos tecidos brancos e de cores lisas, os já afamados

«TECIDOS BREINER»

sendo inconfundíveis as suas opalinas. Estes tecidos encontram-se à venda nos armazéns do sr.

**Alberto Pimenta Machado**

## EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTO TIRSO, L.<sup>DA</sup>

(FÁBRICA DO ARCO)



Fiação, tecelagem e acabamentos

SANTO TIRSO

Rua 5 de Outubro

Telegramas  
EMPRESA  
Telefone 38

PORTO

Rua Cândido Reis, 104

Telegramas  
ZÉ FIR  
Telefone 4100

## Fundição de Ferro e Metais

# F. Brindle & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Rua do Pinheiro Manso, 388 -- PORTO -- Telefone 1560

Delegados das casas G. W. THORNTON & SON de MANCHESTER; TWEEDALES & SMALLEY, L.<sup>da</sup> (1920) de CASTLETON, fabricantes da Máquinas de Fiação.

Estas máquinas são montadas por PESSOAL HABILITADO que temos na nossa casa, nesta cidade.

EXECUTAM-SE transmissões modernas, Uniões de Fricção, Engrenagens abertas à plataforma (máquina de frezar), Elevadores, Tubagens para máquinas a vapor, Tubos ailetts para aquecimentos de fábricas e Serviço de caldeiraria. Secção especial de fabricação de Teares, Encharrefadeiras, Caneleiras e fôdas as máquinas para fezelagem.

Encarrega-se de quaisquer projectos e plantas gratuitos.

## FÁBRICA DO BUGIO

DE

# José Florêncio Soares & C.<sup>a</sup>, Sucessores

F A F E



TELEFONE N.º 18



Fiação e tecelagem de algodão. Fabrico de fios penteados até ao n.º 120 com ramas da melhor qualidade. Especialidade em flanelas de algodão, as mais reputadas do fabrico nacional. □ □ □ □ □



Telégrafo: Fábrica Bugio



## CASTRO, SOUSA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

Agentes Depositários (Norte Mondego) de:

SOC. T<sup>E</sup> ANON. M<sup>E</sup> DES MATIERES COLO-RANTES & PRODUITS CHIMIQUES DE SAINT DENIS (Anilinas para todas as indústrias e produtos químicos para tinturarias).

COMPAGNIE FRANÇAISE DES EXTRAITS TINCTORIAUX ET TANNANTS DU HAVRE (Extractos para corantes).

CARLOS FARINHA - LISBOA (Acido acético, Taninos, Bicromatos, Lãs penteadas e em fio).

Agentes de:

PAOLO MARIANI - MONZA (Forros e tiras para chapéus).

ANGEL SANCHO ZARO - BORJA - ZARAGOZA (Pêlos para chapéus).

EXTRATOS DE CAMPECHE

HEMATINES

SULFORICINATOS.

TELEF. 2219 - P. B. X.  
TELEG. MIMI - PORTO  
COD. - BENTLEY - ABC 6.7H

Rua Alexandre Herculano, 233 - Pôrto

## Indústria Têxtil

Os melhores: — Pentes, Liços (Machas metálicas), Caixilhos, Reguladores, Grampos, Molas espirais, Latas de Fibra (Potes), etc., etc. são os Marca — «API».

Para tecidos finos (sêdas, popelines, etc.) só os acessórios «API» dão inteira satisfação. □ □ □ □ □

Os acessórios «API» são fabricados de Matérias primas de 1.<sup>a</sup> qualidade. Pelas mais modernas e aperfeiçoadas máquinas. Pela mais bem montada e aperfeiçoada fábrica da especialidade, sob a gerência dum tecnico especializado em França, Alemanha e Suíça. □ □ □ □ □

Teleg. «API» -- Pôrto

Amostras Grátis

TELEFONE, 5884

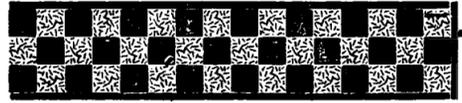
Armando Pinto & Irmão

R. Santa Catarina, 17 - 1.º

PORTO

**Companhia Industrial de Portugal e Colónias**

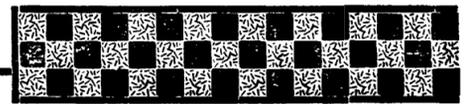
**Bolachas**



A GRANDE MARCA PORTUGUESA



A GRANDE MARCA PORTUGUESA



**Massas**

FILIAL NO PORTO

**O TRABALHO**  
Companhia de Seguros

INCENDIO,  
QUEBRA DE VIDROS e  
ACIDENTES DE TRABALHO



FUNDADA EM 1913.  
FUNDOS TOTAIS EXCEDEM  
ESC. 3.000.000\$00.

RUA DE JOSÉ FALCÃO, 211  
PORTO

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 24  
LISBOA

Telefone, 4547  
Telegramas: ABELHA



Telefones: 2 4101 e 2 4102  
Telegramas: PORTOCLUB



**Vinhos Finos e de Mesa**

Recomendando o uso das nos-  
sas marcas de vinhos da Es-  
tremadura, não defendemos  
sómente os nossos interesses!  
E' que os vinhos SCALABIS, são  
de pureza e genuidade ga-  
rantidas.

Sociedade de Vinhos Scalabis, Limitada  
ALPIARÇA e AVEIRO (Séde)

**A FOSFOREIRA PORTUGUESA**

Fabrica para consumo  
no Continente e Ilhas  
as marcas

PORTUGUESES  
FAMILIA  
VENCEDORES  
ANTONINOS  
ILHEUS  
AÇOREANOS

Para consumo nas  
Províncias ultrama-  
rinas a marca

**COLONIAIS**

Para consumo no  
Norte de Africa  
a marca

**MARROCOS**

Fábrica em Espinho. Séde: Lisboa, Rua Garrett, 62.

Calce...



...o  
Maximo  
da  
Elegancia

Fábrica e Escritórios: Rua Heróis de Chaves, 624 a 640 -- PORTO  
26 Depósitos de Venda em todo o Continente e Ilhas  
DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃIS: A. Eurico Baptista

# SOCIAL Companhia Portuguesa de Seguros

S. A. R. L.

Preferida pela organização da sua assistência para os

**SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO**

Agência

em

CAPITAL, ESC. 500.000\$00

SEDE: Rua Cândido dos Reis, 42 (Palácio Conde de Vizela) -- PORTO

Guimarães -- HENRIQUE DE SOUSA CORREIA GOMES

## J. MARTINS EIRADO

Fábrica Portuguesa de Tacos — Tiratacos e Correias

Confrontando-os com os vários modelos da concorrência, verificar-se-á que eles dão o melhor resultado.

RUA DOS AÇORES, 22

TELEFONE, 1184

PORTO

Agente em Guimarães:

Damião de Sousa Oliveira.

## ULTRAMARINA

Companhia de Seguros -- Fundada em 1901

SEDE no seu prédio da

RUA DA PRATA, 108

Telefone P. B. X. 23348

Lisboa

Efectua Seguros:

Contra incêndio; Desastres no Trabalho; Automóveis (todos os riscos); Marítimos; Agrícolas; Postais; Cristais (contra quebra).

CAPITAL e RESERVAS: Esc. 5.739.449\$75

Agente em SILVARES:  
António Gonçalves Guimarães.

Agente em GUIMARÃIS:  
António Alves Ferreira.



## I. G. Farbenindustrie Aktiengesellschaft

ANILINAS para todas as indústrias.

PRODUTOS QUÍMICOS para aperfeiçoamentos têxteis, para cortumes, etc.



ANILINAS "INDANTHREN,, DE INSUPERADA SOLIDEZ, À LAVAGEM, À LUZ, ÀS INTEMPÉRIES

Indanthren

Sociedade de Anilinas, L. da

PORTO — LISBOA — COVILHÃ

Agência em Guimarães:

Amadeu C. Penafort, Limitada

Rua de Paio Galvão

## Palatine Insurance Company Limited

Companhia Inglesa de Seguros

(Fundada em 1886)

Capital e Reservas £ 1.270.177

## Seguros contra Fogo e Agrícolas

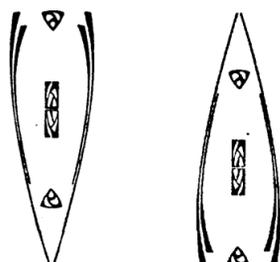
Agentes Gerais em Portugal:

**BENITO REMUS, L. DA**

RUA DO COMÉRCIO, 8-3.º

Telegramas CONSERVAS  
Telefone — 2 0809**LISBOA**

Sub-Agente em Guimarães:

**Alberto Pimenta Machado**

Cumprimenta e deseja aos seus Segurados, Sub-Agentes, Colaboradores e Amigos, Festas muito Felizes e um Novo Ano cheio de Prosperidades.

**Fábricas e Armazém de Tecidos de algodão**

**e Fábrica de Móveis e Serração**

De

**Alberto Pimenta Machado**

Rua de Paio Galvão  
Rua de Gil Vicente

Telefones { Armazém 59  
Escritório 110  
Residência Particular 87

Filial  
**VENDAS A RETALHO — COLOSSAL SORTIDO EM CASIMI-  
RAS E INÚMEROS ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA**

Rua de Santo António — Telefone 180

**G U I M A R Ã I S**

O seu proprietário cumprimenta todos os seus ex.<sup>mos</sup> clientes,  
desejando-lhes Boas Festas e um próspero ANO NOVO.

## II **Empresa Textil da Cuca, Limitada** II

FABRICA:  
MOREIRA DE CONEGOS  
VIZELA

TELEFONE, 24

SEDE E ESCRITORIO:  
56, RUA DE PASSOS MANUEL, 58  
PORTO

TELEFONE, 1147

**Fábrica de Fiação e Tecidos de algodão e mixtos com sêda**

### **Fábrica de Fiação e Tecidos da Carreira, Limitada**

NO PORTO CARREIRA  
Rua de Traz, 70-2.º Vila Nova de Famalicão

TELEFONE, 5387

**Fiação fina de Algodão  
Especializada em fios  
Egípcios mercerizados**

### **Francisco Manuel Durães & Filhos, L. da**

Fábrica a Vapor de Tecelagem  
Tinturaria e Serração

Rua Conselheiro Lopes da Silva

**VALENÇA**

TELEFONE, 19

## **Carreira entre Guimarães e Pôrto**

ESCRITÓRIO EM GUIMARÃIS:

**Rua de Santo António**

Partidas: 8 h., 12,30 e 18,15

TELEFONE 181

ESCRITÓRIO NO PÔRTO:

**Rua do Almada**

GARAGEM C. DO PÔRTO

Partidas: 8 h., 10,15 e 17

**João Ferreira das Neves**